



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

MIDYAN FÉLIX DOS SANTOS

Da imaginação à palavra escrita: Contribuições da leitura e contação de histórias na Educação Infantil para a apropriação da linguagem, na perspectiva de docentes.

João Pessoa – PB

2026

MIDYAN FÉLIX DOS SANTOS

Da imaginação à palavra escrita: Contribuições da leitura e contação de histórias na Educação Infantil para a apropriação da linguagem, na perspectiva de docentes.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à coordenação do Curso de Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Prof. Dra. Marinês Andrea Kunz.

JOÃO PESSOA

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237d Santos, Midyan Félix dos.

Da imaginação à palavra escrita: contribuições da leitura e contação de histórias na educação infantil para a apropriação da linguagem, na perspectiva de docentes / Midyan Félix dos Santos. - João Pessoa, 2026.

59 f. : il.

Orientação: Marinês Andrea Kunz.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - UFPB/CE.

1. Contação de histórias. 2. Educação infantil. 3. Alfabetização. 4. Letramento. 5. Literatura infantil. I. Kunz, Marinês Andrea. II. Título.

UFPB/CE

CDU 373.2:028(043.2)

MIDYAN FÉLIX DOS SANTOS

**DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA
LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO
INFANTIL PARA A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM, NA
PERSPECTIVA DE DOCENTES.**

Trabalho de conclusão de curso submetido à Banca Examinadora designada pelo Curso de Graduação na Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

BANCA EXAMINADORA



Documento assinado digitalmente
MARINÊS ANDREA KUNZ
Data: 17/04/2026 11:56:13-0300
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

Prof.^a Dr.^a Marinês Andrea Kunz (Orientadora)

Prof.^a Dra. Nádia Jane de Sousa

Prof.^a Dra. Elzanir dos Santos

João Pessoa, 10 de Abril de 2026.

AGRADECIMENTOS

Começo este texto agradecendo, primeiramente, ao menino Jesus, pela sua infinita bondade e cuidado comigo ao longo de toda a minha vida. Em muitos momentos, enfrentei situações que poderiam ter sido motivos suficientes para desistir, mas foi n'Ele que encontrei forças para continuar. Foi Ele quem iluminou meus caminhos, me mostrando a direção que eu deveria seguir, e, com fé, coragem e esperança, eu segui.

Durante todo o curso, sempre fiz questão de mencionar que faria um agradecimento especial aos meus cachorros que foram fundamentais nessa trajetória. E aqui estou eu. Queria deixar registrado aqui minha eterna gratidão pela vida e amor de Léo, Laila e Max. Meus filhinhos de quatro patas foram, sem dúvida, parte essencial nessa caminhada, sendo luz nos dias mais difíceis e força nos momentos em que pensei que não suportaria o processo.

Quantas vezes fui dormir com o coração apertado, em silêncio, tentando ser forte, e Léo, com sua sensibilidade única, se aproximava e lambia minhas lágrimas, como se entendesse exatamente o que eu estava sentindo e quisesse, do jeitinho dele, me consolar. Quantas vezes me senti sem ânimo, completamente desmotivada pois, tudo que parecia estar tão próximo, não estava mais, e Laila e Max vinham ao meu encontro com alegria, me convidando a brincar e me lembrando, sem dizer uma palavra, que a vida ainda podia ser leve.

Mesmo sem verbalizar, eles sempre souberam estar presentes. No olhar de cada um, encontrei acolhimento, um amor sincero e uma forma silenciosa, mas profundamente poderosa, de incentivo. Foram eles que, muitas vezes, me sustentaram emocionalmente, me fazendo levantar, respirar fundo e continuar. Vocês foram meu refúgio, minha paz e uma das razões mais sinceras pelas quais eu não desisti.

À minha família, em especial à minha mãe e aos meus irmãos, expresso minha mais profunda gratidão. À minha mãe Rosimere, mainha, sou infinitamente grata por todo o cuidado, carinho e palavras de conforto ao longo dessa caminhada. Obrigada por cuidar tão bem dos amores da minha vida enquanto eu me dedicava em correr atrás dos meus sonhos. Sem você, que esteve presente em todos os momentos, trilhar esse caminho teria sido muito mais difícil.

Aos meus irmãos, Dayana e José Almir, agradeço pelo apoio durante toda essa jornada. Cada pergunta que vocês faziam, por mais simples que parecesse, mas sempre relacionada à área que eu estava estudando, despertava em mim um sentimento de orgulho e motivação. Eu me sentia realizada em poder compartilhar o que estava aprendendo e isso me

impulsionava a buscar cada vez mais conhecimento. Saibam que o desejo de ser exemplo para vocês também foi uma das grandes forças que me trouxeram até aqui.

Gostaria de fazer um agradecimento mais que especial a alguém que foi essencial em toda essa trajetória no curso e na vida. Ao longo de todo o curso, sei, com toda sinceridade, que se não fosse ele e os meus cachorros, eu não teria conseguido continuar. Foram inúmeros momentos em que pensei em desistir, em que me senti cansada, desmotivada e sem forças para seguir. E, em todos esses momentos, ele esteve ao meu lado.

Costumo dizer que ele foi meu psicólogo durante esses anos de curso. Foi para ele que contei minhas frustrações, medos, inseguranças e angústias. Além de escutar tudo com paciência, soube acolher cada sentimento com respeito e nunca, em momento algum, diminuiu aquilo que eu sentia. Mesmo quando não tinha respostas, ele se fazia presente, me abraçando, me acalmando e me lembrando, que tudo ficaria bem. Seu apoio e voz de incentivo nos dias em que tudo estava pesado demais, foram essenciais para que eu acreditasse mais em mim. Wallace, meu amor, obrigada por ser presença, cuidado e afeto nos dias difíceis. Você faz parte dessa caminhada.

Às minhas colegas de faculdade, que foram verdadeiramente “unha e carne” comigo nos momentos de desespero acadêmico, deixo aqui meu carinho e minha gratidão. Em especial, agradeço a Manuely e Rafaela, por estarem sempre presentes em todos os momentos dessa caminhada. Obrigada por compartilharem comigo não apenas os aprendizados, mas também as angústias, os medos e os desafios da vida acadêmica. Com vocês, esse processo se tornou mais leve, mais acolhedor e mais saudável.

A todos os professores que se fizeram presentes ao longo da minha trajetória no ambiente escolar, esse espaço de eterno aprendizado, deixo aqui a minha mais sincera gratidão. Em especial, gostaria de mencionar o nome da mulher que me ensinou a ler. Gratidão à professora Marinalva, que, com sensibilidade e compromisso, percebeu minha dificuldade ainda na 3ª série do ensino fundamental, quando eu não sabia ler, e decidiu não desistir de mim. Com generosidade, dedicou seu tempo para me oferecer aulas de reforço no contraturno, sem pedir nada em troca, apenas com o desejo de me ver aprender. Obrigada por ter acreditado em mim quando talvez nem eu mesma acreditasse. Sem dúvida, você foi uma das primeiras pessoas que me vieram à memória no momento em que decidi cursar Pedagogia.

Também gostaria de deixar um agradecimento especial à professora Benícia. Mais do que uma professora, você foi, para mim, uma verdadeira referência de cuidado, inspiração e humanidade dentro do ambiente escolar. Com você, aprendi que ensinar vai muito além da

sala de aula, que educar é um ato que ultrapassa os muros da escola e transforma vidas. Foi você quem me mostrou caminhos que, até então, eu nem sabia que existiam. Eu não conhecia o Instituto Federal, nem a Universidade Federal, até que você me apresentou essas possibilidades e, mais do que isso, acreditou que eu seria capaz de alcançá-las. Ainda no ensino fundamental, você afirmou que eu passaria no IFPB e, posteriormente, na UFPB, e assim aconteceu. Obrigada por acreditar em mim, por me orientar, por me inspirar e por, de alguma forma, fazer parte de cada conquista que hoje celebro.

Dando continuidade, queria deixar aqui um agradecimento especial a alguns professores do ensino fundamental II que marcaram profundamente a minha trajetória: à professora Mirandolita/Miranda, de Português; à professora Adriana, de Arte; e ao professor Emanuel, de História. 2

De diferentes formas, cada um de vocês foi incentivo para que eu continuasse frequentando a escola, mesmo diante de momentos turbulentos em minha vida pessoal. Situações que, muitas vezes, poderiam ter me levado a desistir, e que jamais deveriam ser motivo de julgamento. Quando tudo parecia me dizer para parar, foi na escola, por meio do apoio e da presença de vocês, que encontrei motivação para continuar. Em meio às dificuldades, o ambiente escolar se tornava o meu refúgio, e os momentos vividos ali eram, sem dúvida, os melhores do meu dia. Se hoje permaneci firme nos estudos, muito disso se deve ao cuidado, à sensibilidade e ao incentivo que recebi de vocês. Minha eterna gratidão.

Gostaria de expressar um agradecimento mais que especial à professora que foi fundamental para que o sonho da conquista do ensino superior se tornasse realidade: minha orientadora, Marinês. Sua presença na minha trajetória acadêmica foi, sem dúvida, inspiradora. Ainda na disciplina de Língua e Literatura, foi você quem reacendeu em mim a lembrança afetiva e significativa da minha relação com a literatura desde a infância. A partir dali, passei a enxergar, com outros olhos, a potência da literatura na formação humana.

Durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, sua prática e suas atividades com a literatura foram inspiração para a construção das minhas vivências com as crianças. E hoje, atuando como professora, levo comigo tudo aquilo que aprendi, buscando, constantemente, trabalhar com a literatura infantil de forma sensível, significativa e cheia de possibilidades. Foi também por meio de sua influência que encontrei o caminho para desenvolver este trabalho de conclusão de curso, trazendo a literatura infantil como tema central. Um campo que hoje compreendo como um verdadeiro universo de descobertas, aprendizagens e encantamentos.

Agradeço por cada orientação, por cada incentivo e, principalmente, por ser uma

inspiração na minha vida acadêmica e profissional. Sua contribuição ultrapassa este trabalho e seguirá presente em toda a minha caminhada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo analisar as contribuições da leitura e contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil para o desenvolvimento de habilidades que favorecem posterior processo de alfabetização. Parte-se do entendimento de que a inserção da criança em práticas significativas de linguagem, desde os primeiros anos, constitui elemento fundamental para a construção das bases do letramento. A pesquisa foi desenvolvida em dois momentos complementares: inicialmente, realizou-se um estudo bibliográfico, fundamentado em autores que discutem a literatura infantil, a leitura e contação de histórias, o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e os processos de alfabetização e letramento; posteriormente, foi realizada uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de um questionário com duas professoras atuantes em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI), com o intuito de compreender suas percepções acerca dessa prática no contexto pedagógico. Os resultados evidenciam que a leitura e contação de histórias contribui significativamente para o desenvolvimento da oralidade, da imaginação e do interesse pela leitura e pela escrita, além de favorecer a ampliação do repertório linguístico das crianças. Conclui-se que, embora não tenha como finalidade a alfabetização formal, a Educação Infantil desempenha um papel essencial no fortalecimento desse processo, por meio de práticas lúdicas e significativas que aproximam a criança do universo da cultura escrita.

Palavras-chave: Contação de histórias. Educação Infantil. Alfabetização. Letramento. Literatura infantil.

ABSTRACT

This study aims to analyze the contributions of reading and storytelling in the daily routine of Early Childhood Education to the development of skills that support the later literacy process. It is based on the understanding that children's engagement in meaningful language practices from an early age is a fundamental element for building the foundations of literacy. The research was carried out in two complementary stages: initially, a bibliographic study was conducted, based on authors who discuss children's literature, reading and storytelling, language development, imagination, and literacy processes; subsequently, a field research was conducted through the application of a questionnaire with two teachers working in a Municipal Center for Early Childhood Education (CMEI), aiming to understand their perceptions about these practices in the pedagogical context. The results show that reading and storytelling significantly contribute to the expansion of children's linguistic repertoire. It is concluded that, although it does not aim at formal literacy, Early Childhood Education plays an essential role in strengthening this process through playful and meaningful practices that bring children closer to the world of written culture.

Keywords: Storytelling. Early Childhood Education. Literacy. Emergent literacy. Children's literature.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Desenho da criança.....	26
Figura 2 - Cantinho de leitura na sala de referência	35
Figura 3 - Teatro de fantoches	35

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL.....	18
1.1 A perspectiva histórico-cultural e a linguagem como mediação social.....	19
1.2 A aprendizagem da linguagem escrita a partir das práticas de letramento.....	22
1.3 A criança como sujeito ativo na construção da escrita.....	24
2. CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM.....	28
2.1 O papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem.....	31
2.2 A literatura infantil e o processo de letramento.....	33
3. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS SOBRE A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO COTIDIANO DO CMEI.....	35
3.1 Sujeitos da pesquisa: informações iniciais.....	37
3.2 Procedimentos de coleta e análise de dados.....	39
3.3 A prática da leitura e contação de histórias na Educação Infantil: percepções das professoras.....	40
3.4 Desafios e estratégias na prática da leitura e contação de histórias na Educação Infantil.....	43
3.5 O encantamento das histórias e o interesse das crianças pela leitura.....	45
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	47
REFERÊNCIAS.....	50
APÊNDICES.....	52

INTRODUÇÃO

Começo este texto com um sentimento de nostalgia ao revisitar as lembranças da minha infância. Quando criança, encantava-me mergulhar nas profundezas da imaginação, constantemente estimulada pelo contato com a literatura infantil. Ao folhear os livros, eu não apenas acompanhava as histórias, mas me via imersa nelas, assumindo, muitas vezes, o papel de protagonista das narrativas que conhecia.

É significativo destacar que, nesse período, eu ainda não sabia ler convencionalmente. No entanto, a escuta atenta das histórias lidas pela professora, aliada ao contato frequente com os livros infantis que tinha em casa, foi suficiente para que eu comesse a criar narrativas próprias. Mesmo sem dominar a leitura e a escrita, as histórias ouvidas e as imagens presentes nos livros alimentavam minha imaginação e me permitiram construir enredos ricos em detalhes e sentidos.

Meus pais, apesar de não saberem ler, sempre me incentivaram a ter contato com livros. Mesmo sem a leitura convencional, eles compreendiam a importância desse acesso e me ofereciam livros infantis, possibilitando que eu explorasse imagens, histórias e sentidos por meio da imaginação. Esse apoio foi essencial para a construção do meu vínculo afetivo com a literatura.

A partir dessas vivências, passei a criar histórias inspiradas nos livros que manuseava, colocando-me frequentemente como protagonista. Minha vizinha, uma senhora idosa que cuidava de mim e da minha irmã quando meus pais precisavam trabalhar, foi uma das principais ouvintes dessas narrativas inventadas. Em algumas ocasiões, quando meus pais trabalhavam à noite, permanecíamos em sua casa e, mesmo diante do cansaço, ela escutava atentamente cada história que eu contava. Com interesse e sensibilidade, ela escutava e demonstrava surpresa diante da minha capacidade de criação, o que reforçava meu desejo de imaginar, criar e narrar.

Posteriormente, no contexto da formação inicial, especialmente por meio das disciplinas de Língua e Literatura e do Estágio Supervisionado na Educação Infantil, retomei o contato com a literatura infantil, agora sob a perspectiva de professora em formação. Durante o estágio, realizei inicialmente a observação participante, acompanhando de perto a rotina de uma turma do Infantil III. Nesse contexto, nas vivências que desenvolvi com a turma, tive a oportunidade de interagir de forma mais direta com as crianças.

Na primeira experiência, realizei a contação de histórias do livro *Um amor de família*,

de Ziraldo, a partir da qual as crianças participaram ativamente, compartilhando relatos sobre suas próprias famílias, destacando quem fazia parte de seu convívio cotidiano e os motivos que justificaram a presença ou ausência de determinados membros na sua casa. Na segunda vivência, realizei a contação da história *O monstro das cores*, de Anna Llenas, utilizando recursos que tornaram o momento mais significativo e interativo. A partir da narrativa, as crianças foram incentivadas a refletir e verbalizar suas emoções. É interessante destacar o relato de uma criança que, ao explicar sua produção (a pintura que realizou no desenho do monstro das cores), afirmou sentir-se “metade feliz” por ter comido bolo com muito chocolate e “metade triste” por ter sido machucado por um colega. Esse tipo de relato revela a compreensão sensível e complexa de seus sentimentos. Tais experiências realizadas durante as visitas ao CMEI Antonieta Aranha possibilitaram a compreensão da potência da literatura infantil no estímulo à imaginação e no desenvolvimento da oralidade. Observou-se que, a partir do reconto das histórias previamente narradas, as crianças demonstraram criatividade ao atribuir novos sentidos às narrativas, elaborando finais distintos para uma mesma história e relacionando-a com o cotidiano no qual está inserida, evidenciando, assim, o papel da literatura infantil no processo de desenvolvimento das crianças.

Essas experiências, permeadas pela escuta, oralidade e imaginação, contribuíram significativamente na minha formação enquanto leitora e no despertar do meu interesse pelo mundo da literatura infantil no presente trabalho de conclusão de curso.

Com base nas reflexões realizadas por Soares (2003) acerca da alfabetização e do letramento, é possível compreender que as experiências vivenciadas ao longo da minha infância e da formação inicial são exemplos claros de práticas de letramento, mesmo antes do domínio da leitura e da escrita convencional. A escuta atenta das histórias, o manuseio de livros infantis e a criação de narrativas próprias evidenciam que o desenvolvimento da imaginação e da oralidade antecede e fundamenta o processo de alfabetização. Vivências como essas reforçam a compreensão de que a literatura infantil, ao articular imaginação, oralidade e linguagem, constitui-se como potente na educação infantil, contribuindo, assim, para a formação de sujeitos leitores e fortalecendo esse contato inicial com os aspectos que são pré-requisitos para o processo de alfabetização.

A Educação Infantil consiste na primeira etapa da Educação Básica e desempenha um papel de suma importância no que diz respeito ao desenvolvimento integral das crianças, sendo esse um espaço de vivências, interações e aprendizagens essenciais para a formação humana. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Básica, Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que foi alterada pela Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, estabelece no artigo 29 que

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (BRASIL, 1996). Tal definição define que a educação infantil ultrapassa a dimensão do cuidado, tendo também como responsabilidade a intencionalidade pedagógica voltada ao desenvolvimento das múltiplas linguagens da criança, entre elas a linguagem oral, a imaginação e as primeiras aproximações com a cultura escrita.

Nessa mesma perspectiva, as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil orientam que as práticas pedagógicas devem ter como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, compreendendo a criança como sujeito histórico e de direitos, que se desenvolve por meio das relações que estabelece com o outro e o meio. O documento também destaca a importância de garantir experiências que promovem o contato com diferentes linguagens, incluindo a linguagem oral e a escrita, assegurando a inserção da criança na cultura desde os primeiros anos de vida.

Seguindo essa mesma linha de pensamento, Kunz e Niedziatovski ressaltam que:

Parece desnecessário dizer que a Educação Infantil é uma etapa essencial da Educação Básica, tendo em vista que pode possibilitar às crianças desenvolver-se emocional e cognitivamente a partir de atividades que priorizem a interação social e o contato com o acervo cultural, no qual se destacam os usos artísticos da linguagem, como a literatura em suas diferentes manifestações” (Kunz; Niedziatovski, 2024, p. 11).

A partir desse contexto, compreende-se que esse contato, desde os primeiros anos, com a literatura ajuda não apenas no desenvolvimento linguístico, mas também no enriquecimento e na ampliação do repertório cultural, estimulando a imaginação e a capacidade de apreciar e atribuir sentidos às experiências artísticas. Dialogando com essa ideia, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o fazer pedagógico na Educação Infantil deve assegurar experiências baseadas nas interações e nas brincadeiras, reconhecendo a criança como sujeito ativo na construção de conhecimentos. Quanto a essa etapa, organizada em campos de experiências, especificamente no que trata da “escuta, fala, pensamento e imaginação”, o documento deixa evidente a importância de propor situações que promovam a escuta de narrativas, o desenvolvimento da oralidade, a expressão de ideias, além do contato com diferentes linguagens, incluindo a literária, que vai estimular o desenvolvimento da imaginação e das práticas de linguagem desde a primeira infância.

Com isso, tanto os referenciais curriculares quanto os estudos sobre literatura infantil na primeira infância apontam para uma direção, que é a de reconhecer a educação infantil

como um espaço rico quando pensamos na questão do desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do vínculo que vai se formando com a leitura. Sobre o vínculo com a leitura, as mesmas autoras afirmam que a literatura “pode (e deve) ser explorada em momentos distintos, sem a obrigatoriedade de ‘ensinar’ algo, para que se desperte na criança o gosto pela leitura por ela mesma, ou seja, pelo simples prazer que ela proporciona” (Kunz; Niedziatovski, 2024, p. 11). Esse contato estimula o interesse pelas práticas de leitura e escrita, além de propor caminhos possíveis para o processo de alfabetização ao longo da trajetória escolar.

Nesse sentido, o presente estudo justifica-se pela necessidade de compreender, com base nos referenciais teóricos e nas práticas docentes, de que maneira a leitura e contação de histórias na Educação Infantil contribui para a formação de bases que favorecem o posterior processo de alfabetização. Sabendo que essa etapa não se restringe à antecipação formal da alfabetização, mas à construção de bases fundamentais para o letramento e a formação de leitores, torna-se relevante analisar como as práticas de leitura literária se articulam ao desenvolvimento da linguagem e da imaginação infantil.

Diante desse contexto, o presente trabalho tem como objetivo geral analisar as contribuições da leitura e contação de histórias no cotidiano da Educação Infantil para o desenvolvimento de habilidades que favorecem no posterior processo de alfabetização, evidenciando como essa prática pode favorecer o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do interesse pela leitura e escrita. E como objetivos específicos, pretende-se:

- Compreender, a partir de estudos teóricos, o papel da literatura infantil no desenvolvimento da imaginação e da oralidade na Educação Infantil;
- Analisar as principais perspectivas teóricas sobre a aprendizagem na linguagem escrita e suas contribuições para a compreensão do processo de alfabetização;
- Refletir sobre as contribuições da leitura e contação de histórias no desenvolvimento da linguagem e o interesse pela leitura e a escrita;
- Investigar as percepções de duas professoras do CMEI sobre a prática da leitura e contação de histórias e sua relação com o posterior processo de alfabetização.

Adicionalmente, o trabalho conta com um breve relato de experiência da autora, construído a partir de vivências com a literatura infantil no cotidiano escolar e familiar. Ao revisitar experiências com a contação de histórias, busca-se ampliar a reflexão sobre sua potência formativa, colocando em evidência como a literatura infantil, quando vivenciada de forma sensível e também intencional, contribui para o desenvolvimento da linguagem, da

imaginação e do interesse pela leitura e escrita. Dessa forma, o relato assume um papel reflexivo, fortalecendo o diálogo entre os referenciais teóricos e a prática pedagógica das professoras do CMEI.

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a pesquisa foi desenvolvida em dois momentos complementares. Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, fundamentada em autores que discutem a literatura infantil, a leitura e contação de histórias, o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e os processos de letramento, possibilitando a construção do referencial teórico que sustenta o estudo. Posteriormente, realizou-se uma pesquisa de campo, por meio da aplicação de um questionário com duas professoras atuantes na Educação Infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). O instrumento de coleta de dados teve como objetivo compreender as percepções das docentes acerca da prática da leitura e contação de histórias em seu cotidiano pedagógico, bem como sua relação com o desenvolvimento da linguagem e com o posterior processo de alfabetização.

Os dados obtidos foram analisados de forma interpretativa, tendo como base os referenciais teóricos estudados, estabelecendo um diálogo entre teoria e prática. Dessa forma, buscou-se compreender como as concepções e práticas docentes se articulam com os pressupostos teóricos acerca da importância da literatura infantil na Educação Infantil.

Este Trabalho de Conclusão de Curso está estruturado em quatro seções, organizadas de modo a articular reflexão teórica e análise prática acerca da temática proposta. A primeira corresponde à introdução, na qual são apresentados um relato pessoal da autora em relação a sua experiência com a literatura infantil, o tema, a problemática, os objetivos, a relevância do estudo e uma reflexão inicial sobre a Educação Infantil como primeira etapa da Educação Básica, destacando sua importância para o desenvolvimento integral da criança e para as primeiras experiências com a linguagem e literatura. A segunda contempla a fundamentação teórica, organizada em três seções principais: a primeira apresenta e discute as perspectivas teóricas sobre a aprendizagem da linguagem escrita na Educação Infantil, abordando concepções que fundamentam o processo de alfabetização nessa etapa; e a segunda seção analisa as contribuições da leitura e contação de histórias na Educação Infantil para a apropriação da linguagem, ressaltando sua importância na formação de leitores desde a infância. A terceira seção apresenta a análise dos dados obtidos por meio do formulário aplicado às duas professoras do CMEI, articulando suas percepções com os referenciais teóricos.

1. PERSPECTIVAS TEÓRICAS SOBRE A APRENDIZAGEM DA LINGUAGEM ESCRITA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Compreender como as crianças aprendem a linguagem escrita na Educação Infantil exige o reconhecimento de que esse processo se inicia bem antes da alfabetização formal. Desde os primeiros anos de vida, as crianças participam de práticas sociais de linguagem que envolvem a oralidade, o brincar, a escuta de histórias, as interações com os adultos e outras crianças e o contato com diferentes manifestações da cultura escrita. Nessa perspectiva, a aprendizagem da linguagem escrita não pode ser compreendida de forma desarticulada das experiências lúdicas e interativas que fazem parte do cotidiano infantil.

A partir de uma abordagem sociocultural, Leal e Silva (2010) destacam que a brincadeira é uma atividade social historicamente construída, produzida no interior da cultura e vivenciada por crianças entendidas como sujeitos históricos e sociais. Para esses autores, o brincar não é uma atividade biologicamente determinada, mas uma produção cultural que se constrói nas interações sociais e que desempenha papel fundamental no desenvolvimento infantil, inclusive no desenvolvimento da linguagem verbal. Ao brincar, a criança apropria-se da cultura e, de forma simultânea, a ressignifica, tornando-se coprodutora dos significados que circulam em seu meio social.

Tendo como base esse contexto, as brincadeiras com a linguagem verbal, como as brincadeiras de encenar, de ler e de brincar com palavras constituem importantes espaços de aprendizagem, nos quais as crianças ampliam suas formas de expressão, comunicação e reflexão sobre a língua. Conforme apontam os autores, é por meio dessas experiências lúdicas que a criança aprende a falar, a pensar sobre a linguagem e a interagir linguisticamente com o outro, construindo bases fundamentais para sua inserção no universo da linguagem escrita.

Leal e Silva também ressaltam a importância do papel do adulto nas brincadeiras infantis, reconhecendo que tanto as brincadeiras livres quanto aquelas mediadas pelos professores contribuem de forma significativa para o desenvolvimento social, afetivo e cognitivo da criança. À luz das contribuições de Vigotski e Bruner, os autores evidenciam que a mediação do adulto pode potencializar as aprendizagens infantis, seja por meio do apoio na zona de desenvolvimento proximal, seja por meio de “andaimes” que vão auxiliar a criança a avançar em suas capacidades linguísticas e cognitivas. Assim, o brincar mediado configura-se como um espaço privilegiado de aprendizagem e de desenvolvimento da linguagem.

Sendo assim, ao considerar a aprendizagem da linguagem escrita na educação infantil,

torna-se fundamental adotar perspectivas teóricas que compreendam a criança como sujeito ativo, inserido em práticas sociais de linguagem, nas quais o brincar, a oralidade e as interações ocupam lugar central nesse processo. É a partir dessas experiências significativas, vivenciadas no cotidiano das instituições educativas, em particular as de educação infantil, que a criança constrói conhecimentos sobre a linguagem, desenvolve a linguagem verbal e estabelece as bases para a apropriação da linguagem escrita.

Nesse sentido, este capítulo foca em discutir as principais perspectivas teóricas que fundamentam a aprendizagem da linguagem escrita na Educação Infantil, enfatizando aquelas que reconhecem o papel do brincar, da mediação e das práticas sociais de linguagem nesse processo.

1.1 A perspectiva histórico-cultural e a linguagem como mediação social

A linguagem ocupa um lugar de suma importância no desenvolvimento da criança, pois é por meio dela que há comunicação, interação com o outro e a construção de sentidos sobre o mundo. A perspectiva histórico-cultural, desenvolvida por Lev Semionovitch Vigotski, constitui um importante referencial teórico para a compreensão da aprendizagem da linguagem escrita na Educação Infantil. Para o autor, o desenvolvimento humano ocorre de forma indissociável das relações sociais e do contexto histórico-cultural, sendo a linguagem o principal instrumento de mediação entre o sujeito e o mundo. É por meio dela que a criança se apropria da cultura, constrói sentidos e desenvolve suas funções psicológicas superiores.

Na obra *Imaginação e criação na infância*, Vigotski (2009) discute o quanto a imaginação e a criação são capacidades fundamentais do desenvolvimento infantil, enfatizando que esses processos não surgem de forma isolada, mas que são desenvolvidas por meio das interações sociais e mediações estabelecidas pela linguagem. Sobre a imaginação, o autor afirma que “a imaginação, base de toda atividade criadora, manifesta-se, sem dúvida, em todos os campos da vida cultural, científica e a técnica” (Vigotski, 2009, p.14). Essa concepção evidencia que a imaginação está diretamente relacionada à capacidade da criança de reorganizar suas experiências e atribuir novos significados ao mundo, aspecto que é essencial para a aprendizagem da linguagem escrita.

Além das contribuições de Vigotski, autores como Alexander Luria e Alexei Leontiev ampliam a compreensão acerca do papel da linguagem como mediadora do desenvolvimento humano. Nesse sentido, conforme discutem Silva e Davis (2004), a linguagem exerce funções

que vão além da comunicação, atuando na organização do pensamento, na regulação do comportamento, no planejamento das ações e na generalização de conceitos, constituindo-se, assim, como um instrumento psicológico fundamental no desenvolvimento das funções mentais superiores.

Ao aprofundar essa discussão, compreende-se que a linguagem não apenas expressa o pensamento, mas participa ativamente de sua constituição, uma vez que permite à criança organizar suas experiências, atribuir significados e agir de forma intencional no mundo. Dessa forma, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores está diretamente relacionado às mediações simbólicas vivenciadas no contexto social, sendo a linguagem o principal meio pela qual essas mediações se efetivam. Nessa mesma perspectiva, Alexei Leontiev contribui ao afirmar que o desenvolvimento humano ocorre por meio das relações sociais mediadas pela atividade, sendo esta fundamental na constituição do sujeito. Para o autor, “o homem é um ser de natureza social, que tudo o que tem de humano nele provém da sua vida em sociedade” (Leontiev, 2004, p. 279, *apud* Farias; Bortolanza, 2013, p. 98). Tal concepção reforça que a aprendizagem e o desenvolvimento estão diretamente relacionados ao contexto social e cultural no qual o sujeito está inserido.

A partir dessa compreensão, torna-se possível afirmar que a aprendizagem não ocorre de forma isolada ou individualizada, mas está intrinsecamente vinculada às práticas sociais nas quais a criança participa. Assim, as interações estabelecidas no ambiente educativo assumem papel central, uma vez que possibilitam a construção de conhecimentos por meio da mediação do outro, especialmente do professor, que atua como organizador das experiências de aprendizagem. Ainda segundo Leontiev, “a linguagem não desempenha apenas o papel de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humano” (Leontiev, 2004, p. 93-94, *apud* Farias; Bortolanza, 2013, p. 107). Essa afirmação evidencia o papel central da linguagem na constituição da consciência, reafirmando sua função como instrumento mediador no desenvolvimento das funções psicológicas superiores.

Nesse sentido, a linguagem pode ser compreendida como elemento estruturante do desenvolvimento humano, pois é por meio dela que o sujeito internaliza conceitos, elabora pensamentos e constrói sua própria identidade. Tal processo evidencia que a mediação não se limita à transmissão de conhecimentos, mas envolve a construção de significados compartilhados, que se constituem nas relações sociais.

Quando pensamos na educação de crianças pequenas, essa compreensão reforça a importância de práticas pedagógicas que valorizem a interação, o diálogo, o brincar e o

contato com diferentes manifestações da linguagem. Nessa perspectiva, a aprendizagem da linguagem escrita não se restringe à memorização de letras ou palavras, mas envolve a inserção da criança em práticas sociais de leitura e escrita que façam sentido em seu cotidiano, favorecendo, assim, sua participação ativa na cultura letrada. Dessa forma, o trabalho com a linguagem na Educação Infantil deve considerar a criança como sujeito ativo no processo de aprendizagem, capaz de produzir sentidos, levantar hipóteses e participar de práticas sociais significativas. A mediação do professor, nesse contexto, torna-se essencial para ampliar as possibilidades de interação da criança com a linguagem escrita, favorecendo a construção de conhecimentos de forma contextualizada e significativa.

Refletindo sobre a linguagem escrita, Vigotski destaca que esta constitui uma forma de linguagem mais abstrata, que apresenta desafios específicos para a criança pequena. Para o autor, “a escrita representa grandes dificuldades por possuir leis próprias, que se diferenciam parcialmente das leis da oralidade e ainda são pouco acessíveis para a criança” (Vigotski, 2009, p. 64). Essa afirmativa reforça a importância da mediação do adulto, especialmente do professor, que atua como facilitador do processo de aprendizagem, auxiliando a criança a compreender a função social da escrita e a avançar gradualmente em seu domínio.

Outro aspecto considerado central na perspectiva histórico-cultural é a compreensão da imaginação como uma função vital do desenvolvimento humano. Segundo Vigotski (2009, p.20), “a imaginação não é um divertimento ocioso da mente, uma atividade suspensa no ar, mas uma função vital necessária”. A partir dessa concepção, podemos ampliar o entendimento sobre o ensino da linguagem escrita na educação infantil, ao evidenciar que a escrita deve possibilitar à criança expressar sentimentos, vivências e ideias, contribuindo para seu desenvolvimento cognitivo, emocional e social.

Nesse contexto, as vivências realizadas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil evidenciaram, na prática, os pressupostos teóricos discutidos. Durante a contação da história *O monstro das cores*, de Anna Llenas, foi possível observar como as crianças utilizam a linguagem para expressar e organizar suas emoções. Destaca-se o relato de uma criança que, ao representar suas emoções, afirmou sentir-se “metade feliz” e “metade triste”, relacionando seus sentimentos a experiências vividas ao longo do dia. Tal situação evidencia, de forma concreta, como a linguagem atua na organização do pensamento e na construção de significados, conforme discutido por Vigotski, Luria e Leontiev,

demonstrando que, por meio das interações e mediações, a criança atribui sentido às suas vivências e desenvolve suas funções psicológicas superiores. Ao participar de momentos de contação de histórias e interação com as crianças, foi possível observar como a linguagem atua como mediadora das experiências, permitindo que elas expressem sentimentos, compartilhem vivências e atribuam novos significados às narrativas. Situações em que as crianças relacionavam as histórias com suas próprias experiências ou expressavam emoções a partir das narrativas demonstraram, de forma concreta, o papel da linguagem na organização do pensamento e na construção de sentidos, conforme apontado pela perspectiva histórico-cultural.

Desse modo, ao compreender a linguagem como mediação social e cultural, articulada às contribuições de Luria e Leontiev, a perspectiva histórico-cultural nos oferece fundamentos teóricos considerados cruciais para pensar práticas pedagógicas que valorizem a interação, a imaginação e a criação. Nessa abordagem, a aprendizagem da linguagem escrita ocorre de maneira significativa quando a criança participa ativamente de situações que envolvem leitura, escrita, escuta e produção de sentidos, inserida em um contexto que respeita suas experiências e potencialidades.

1.2 A aprendizagem da linguagem escrita a partir das práticas de letramento

A aprendizagem da linguagem escrita no contexto da Educação Infantil está diretamente relacionada às experiências vividas pelas crianças a partir da escuta, da interação e do contato significativo com a literatura infantil. Como ressalta Magda Soares (2009), a inserção do sujeito em práticas sociais de leitura e escrita é fundamental para a construção de sentidos sobre a linguagem escrita, o que se inicia muito antes do domínio do Sistema de Escrita Alfabética (SEA). Considerando a proposta deste capítulo em discutir o percurso que vai da escuta à criação, compreende-se que o desenvolvimento da linguagem escrita inicia-se muito antes do processo de alfabetização mais formal, ancorado em práticas que estimulam a imaginação, a oralidade e a participação da criança em situações de leitura.

Nessa perspectiva, adota-se a noção de que o letramento contribui para ampliar a compreensão sobre a aprendizagem da linguagem escrita, ao evidenciar que esse processo se constrói na participação do sujeito em práticas sociais de leitura e escrita, nas quais a escrita

assume sentidos e funções sociais. Nesse sentido, Soares define o letramento como “o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita” (Soares, 2009, p. 18). Dessa forma, desde cedo, as crianças observam, escutam histórias, manuseiam livros e interagem com textos, construindo significados sobre a linguagem escrita a partir dessas experiências.

A leitura e contação de histórias, enquanto práticas de letramento, ocupam um lugar central nesse processo, uma vez que esse contato frequente com textos e práticas de leitura possibilita que a criança compreenda a escrita como prática social, mesmo sem saber ler e escrever convencionalmente. Ao ouvir narrativas, a criança amplia seu repertório linguístico, desenvolve a oralidade e exercita a imaginação, elementos essenciais para a construção da linguagem escrita. A literatura infantil, nesse sentido, oferece um espaço privilegiado de contato com a linguagem, possibilitando que a criança compreenda estruturas narrativas, amplie o vocabulário e estabeleça relações entre a linguagem oral e a escrita.

As práticas de letramento que são vivenciadas na Educação Infantil favorecem a construção de hipóteses sobre a escrita, uma vez que a criança passa a perceber que a linguagem escrita comunica, registra e expressa ideias. Nesse sentido, Soares (2009) ressalta que essas experiências permitem que a criança atribua sentido à escrita, reconhecendo-a como forma de interação social. A autora afirma que:

Uma criança pode não ser alfabetizada, mas ser letrada: uma criança que vive num contexto de letramento, que convive com livros, que ouve histórias lidas por adultos, que vê adultos lendo e escrevendo, cultiva e exerce práticas de leitura e de escrita: toma um livro e finge que está lendo (e aqui de novo é interessante observar que, quando finge ler, usa as convenções e estruturas linguísticas próprias da narrativa escrita), toma papel e lápis e “escreve” uma carta, uma história (Soares, 2009, p. 47).

Essas hipóteses são elaboradas a partir de experiências como a leitura compartilhada, a contação de histórias, a observação de ilustrações e a interação com diferentes gêneros textuais presentes no cotidiano escolar. Tais práticas estimulam não apenas o interesse pela leitura e escrita, mas também a criatividade e a capacidade de expressão.

Nesse movimento que se constrói a partir da escuta e do envolvimento, a criança passa a ressignificar as histórias ouvidas, recriando narrativas, personagens e situações por meio da oralidade, do desenho, do faz de conta e de outras formas de expressão. Estudos recentes evidenciam esse movimento ao apontar que, em propostas pedagógicas com literatura infantil, as crianças “passaram de ouvintes para contadores de histórias”, ampliando vocabulário, interesse pela leitura e conhecimentos sobre o mundo da escrita (Antunes; Kunz; Martins,

2020, p. 525). Esse movimento mostra que a aprendizagem da linguagem escrita está intimamente ligada ao desenvolvimento da imaginação e da oralidade, sendo construída de forma gradual, significativa e contextualizada.

Dessa forma, ao considerar a aprendizagem da linguagem escrita a partir das práticas de letramento, reconhece-se que a Educação Infantil desempenha papel fundamental na inserção da criança no universo da cultura escrita. Ao promover experiências com a literatura infantil que valorizem a escuta, a imaginação e a expressão oral, a escola contribui para a formação de sujeitos que se relacionam com a linguagem escrita de maneira significativa desde os primeiros anos de vida.

1.3 A criança como sujeito ativo na construção da escrita

As discussões contemporâneas acerca da aprendizagem da linguagem escrita na Educação Infantil têm apontado para a necessidade de compreender a criança como participante ativa de seu processo de aprendizagem. Nessa direção, superam-se concepções tradicionais de alfabetização que reduzem a escrita a um treino mecânico de letras, sílabas e sons, desconsiderando os conhecimentos prévios e as experiências que a criança já possui com a linguagem. Em contraposição a essa visão, os estudos de Emília Ferreiro oferecem contribuições fundamentais ao evidenciar que a criança, desde muito cedo, constrói hipóteses sobre a escrita a partir de suas interações com o meio social e cultural.

Na obra *Reflexões sobre alfabetização*, Ferreiro (2011) destaca que a escrita deve ser compreendida como um sistema de representação da linguagem, e não como uma simples reprodução da oralidade. Tal compreensão implica reconhecer que aprender a escrever envolve processos cognitivos complexos, nos quais a criança observa, compara, interpreta e atribui sentidos aos registros escritos presentes em seu cotidiano. Dessa forma, mesmo antes de dominar a escrita convencional, a criança já demonstra curiosidade e interesse em compreender como a escrita funciona e para que ela serve.

Ao discutir a construção da escrita na infância, Ferreiro evidencia que esse processo se inicia muito antes da escrita convencional, manifestando-se por meio das primeiras produções gráficas das crianças, como os rabiscos, desenhos e garatujas. Essas marcas iniciais não devem ser compreendidas como atividades aleatórias, mas como formas de expressão que revelam tentativas de compreender e representar a linguagem escrita. Nesse percurso, a criança elabora hipóteses sobre o funcionamento da escrita, passando por diferentes níveis de

compreensão, nos quais busca estabelecer relações entre fala e escrita, quantidade de letras e significado, demonstrando que está ativamente refletindo sobre esse sistema de representação.

Dessa forma, as garatujas e os registros espontâneos produzidos pelas crianças constituem momentos fundamentais do processo de aprendizagem, pois indicam que elas estão se apropriando, gradualmente, das características da escrita. Ao “escrever”, mesmo que ainda não de forma convencional, a criança atribui sentido à sua produção, revelando que compreende a escrita como forma de comunicação e expressão. Com isso, valorizar essas produções no contexto da Educação Infantil significa reconhecer a criança como sujeito que pensa, cria e constrói conhecimentos sobre a linguagem escrita.

Nesse contexto, o chamado “erro” passa a assumir um significado pedagógico distinto, sendo compreendido como parte construtiva do processo de aprendizagem da escrita. No capítulo *O espaço da leitura e da escrita na educação pré-escolar*, Ferreiro (2011) enfatiza que a presença da leitura e da escrita nos primeiros anos escolares não tem como finalidade antecipar a alfabetização formal, mas favorecer a inserção da criança na cultura escrita. Ao interagir com livros, textos e situações reais de leitura e escrita, a criança elabora interpretações próprias sobre o funcionamento desse sistema, ainda que suas produções não correspondam às convenções alfabéticas.

Nessa perspectiva, o erro é compreendido como expressão das hipóteses que a criança constrói sobre a escrita e como indicativo de que ela está refletindo, de forma ativa, sobre esse objeto de conhecimento (Ferreiro, 2011). As produções infantis, portanto, revelam avanços conceituais importantes e exigem do professor uma postura de observação, escuta e mediação, e não de correção imediata. Essa concepção dialoga diretamente com as experiências apresentadas no primeiro capítulo deste trabalho, nas quais a escuta de histórias, o manuseio de livros e a criação de narrativas próprias antecederam o domínio da escrita convencional. Tais vivências evidenciam que a criança pode participar ativamente da cultura escrita por meio da oralidade, da imaginação e da interação com textos, reforçando a ideia de que o desenvolvimento da linguagem se constrói em práticas sociais significativas, e não apenas no ensino formal da leitura e da escrita.

Nesse sentido, o processo de formação do leitor na Educação Infantil, não pode ser compreendido como um processo restrito à aprendizagem do código escrito, mas como uma experiência cultural mais ampla, que envolve o contato constante com diferentes manifestações da linguagem. Kunz e Niedziatovski (2024) ressaltam que a leitura, nessa etapa, deve ser vivenciada de forma prazerosa, lúdica e contínua, favorecendo a construção do gosto pela literatura antes mesmo da alfabetização convencional. Assim, a criança é

inserida em práticas sociais de leitura que contribuem para a ampliação do repertório linguístico, imaginativo e simbólico, fundamentais para o seu desenvolvimento integral.

Tendo como base essa perspectiva, a língua escrita passa a ser compreendida como parte do processo de significação que vai sendo construído nas interações sociais e nas experiências culturais pelas crianças. Conforme discutido anteriormente, a língua escrita não pode ser reduzida a um conjunto de regras ou técnicas, mas sim, como um sistema de representação que ganha sentido a partir do contato com textos reais e significativos e do uso social. Com isso, a literatura infantil assume um papel central, pois possibilita que a criança se aproxime da escrita de maneira contextualizada, atribuindo sentidos às palavras, às narrativas e às diferentes formas de expressão presentes nos textos literários.

Na experiência vivenciada no estágio supervisionado da educação infantil, por meio da leitura e contação de histórias, foi possível observar, de forma prática, como se dava essa relação da criança com a história contada. À medida que ia contando a história, as crianças começavam a formular possíveis continuções e elaboravam questionamentos totalmente coerentes com o diálogo formado naquele momento. Nos momentos de roda de conversa pós-história, a partir das perguntas norteadoras intencionais sobre a história contada, que eu ia fazendo, percebia-se a empolgação e o nível de envolvimento das crianças com a história, além do cuidado e da firmeza que elas tinham quando iam formular respostas e continuções para a história.

Além disso, era um momento bastante interessante, pois a partir da história, as crianças começavam a fazer associações com situações do seu cotidiano, seja no CMEI ou em casa. Percebia-se um certo cuidado, por parte das crianças, para formular histórias que ora eram coerentes, ora percebia-se que faziam parte de uma criação da sua imaginação que tinha como base a história do livro que tinha sido contado anteriormente. Observou-se ainda que, mesmo sem o domínio da escrita convencional, as crianças demonstraram interesse em registrar suas ideias por meio de desenhos e marcas gráficas, como observados na Figura 1, especialmente após as atividades de contação de histórias. Tais produções evidenciam que a escrita já se fazia presente como forma de expressão e construção de sentidos, reforçando a perspectiva de que seu desenvolvimento ocorre de maneira gradual e mediada pelas interações sociais.

Figura 1 - produção da criança.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora, 2026.

Nesse contexto, a mediação realizada pelo professor torna-se essencial nesse processo pois, como enfatizam Kunz e Niedziatovski (2024), cabe ao professor criar situações intencionais de leitura que respeitem as especificidades da infância. Ao atuar como mediador, o professor amplia as possibilidades de interpretação, estimula a oralidade e favorece a construção de sentidos, reconhecendo a criança como sujeito ativo no processo de formação leitora. Desse modo, a leitura literária na Educação Infantil deixa de ser uma atividade meramente complementar e passa a integrar o cotidiano pedagógico como prática formadora, capaz de articular linguagem, imaginação e experiência.

Compreender a criança como sujeito ativo na construção da escrita implica, portanto, reconhecer a importância de garantir experiências significativas de leitura e escrita desde os primeiros anos de escolarização. Ao valorizar práticas que inserem a criança na cultura escrita de forma contextualizada e socialmente significativa, a Educação Infantil contribui para a formação de leitores e para o desenvolvimento da linguagem. Como síntese dessa perspectiva, Ferreiro afirma que “[...] dar às crianças ocasiões de aprender. A língua escrita é muito mais do que um conjunto de formas gráficas. É um modo de a língua existir, é um objeto social, é parte de nosso patrimônio cultural” (Ferreiro, 2011, p. 99), reforçando a necessidade de práticas pedagógicas que reconheçam a escrita como um bem cultural é um direito das crianças desde a primeira infância.

2. CONTRIBUIÇÕES DA LEITURA E CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA A APROPRIAÇÃO DA LINGUAGEM.

A leitura e contação de histórias ocupam um lugar bastante significativo no cotidiano da Educação Infantil, especialmente por possibilitar às crianças experiências que envolvem imaginação, oralidade e interação. Ao ouvir narrativas, as crianças entram em contato com diferentes formas de linguagem, ampliam seu repertório cultural e passam a construir sentidos sobre as histórias que lhes são apresentadas. Nesse contexto, a literatura infantil não se limita a um momento de entretenimento, mas assume um papel formativo no desenvolvimento da linguagem e na aproximação das crianças com o universo da leitura e da escrita.

Esse contato com histórias desde os primeiros anos de vida contribui para que a criança se familiarize com diferentes formas de narrativa e com os modos de funcionamento da linguagem escrita. A literatura infantil, quando presente no cotidiano das instituições de Educação Infantil, permite que as crianças participem de práticas culturais relacionadas à leitura e à escuta de histórias, ampliando suas experiências com a linguagem. Nesse sentido, a presença de livros e de momentos de leitura mediada pelo professor torna-se fundamental para favorecer a aproximação das crianças com o universo literário.

De acordo com Colomer (2007), a formação do leitor inicia-se muito cedo, a partir das experiências que a criança vivencia em seu contexto social e cultural. Os primeiros contatos com a leitura ocorrem, em grande parte, por meio da oralidade, das narrativas e das interações estabelecidas com os adultos. Nesse sentido, os livros infantis e as atividades de leitura realizadas na infância desempenham um papel fundamental no desenvolvimento das competências relacionadas à compreensão e interpretação de textos. Como bem afirma a autora, “é, pois, através de distintos canais, dos livros infantis e das atividades proporcionadas pelos adultos, que as crianças começam a fixar as bases de sua educação literária” (Colomer, 2007, p. 52). Dessa forma, a mediação do professor durante os momentos de leitura e contação de histórias contribui para que as crianças ampliem suas formas de compreender e interpretar as narrativas.

O envolvimento das crianças com as narrativas também está relacionado à identificação que elas estabelecem com os personagens e situações presentes nos livros infantis. Muitas histórias apresentam protagonistas que vivenciam experiências semelhantes às das crianças, favorecendo a aproximação entre o leitor e a narrativa. Nesse sentido, a autora destaca que “a maioria dos livros para crianças potencializa a leitura identificativa

através de protagonistas infantis, que levam a cabo ações muito parecidas com as do leitor em sua vida real” (Colomer, 2007, p. 56). A autora também ressalta que, frequentemente, esses personagens aparecem em séries de livros, o que contribui para tornar as histórias mais previsíveis e ampliar o vínculo das crianças com os personagens.

Essa reflexão pode ser observada também na prática pedagógica desenvolvida no contexto da Educação Infantil. Durante as experiências de leitura e contação de histórias realizadas no CMEI, foi possível perceber o interesse das crianças pelas narrativas, especialmente quando os personagens apresentavam características ou vivenciavam situações semelhantes às de seu cotidiano. Esses momentos evidenciaram como a literatura infantil possibilita que as crianças estabeleçam relações entre a narrativa e suas próprias experiências, favorecendo não apenas o desenvolvimento da imaginação, mas também a construção de sentidos sobre o mundo em sua volta.

A perspectiva histórico-cultural de Vigotski também oferece importantes contribuições acerca da compreensão sobre o papel das histórias e da literatura no desenvolvimento infantil. Para o autor, o desenvolvimento das funções psicológicas superiores ocorre por meio das interações sociais e das experiências culturais vivenciadas pelos sujeitos. Nesse sentido, a imaginação desempenha um papel fundamental no processo de aprendizagem, pois permite que a criança reorganize elementos da realidade e atribua novos significados às experiências vividas. Ao entrar em contato com narrativas literárias, a criança amplia seu repertório simbólico e passa a elaborar novas formas de compreender e representar o mundo.

Outro aspecto importante diz respeito à relação entre a leitura e contação de histórias e o processo de letramento. Como foi refletido em capítulos anteriores, de acordo com Soares (2009), o letramento diz respeito à participação dos indivíduos nas práticas sociais de leitura e escrita, possibilitando que eles compreendam os usos e funções da linguagem escrita em diferentes contextos. Nessa perspectiva, mesmo antes de dominar o sistema de escrita alfabética, as crianças podem participar de situações de leitura e de interação com textos, construindo sentidos sobre a linguagem escrita a partir dessas experiências.

Ao ouvir histórias, folhear livros e participar de conversas sobre as narrativas, as crianças passam a compreender que a escrita possui funções comunicativas e sociais. Essas experiências contribuem para que elas desenvolvam o interesse pela leitura e escrita, além de favorecer a construção de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem escrita. Ao aproximar a criança da cultura escrita de maneira significativa, a literatura infantil e a prática de contação de histórias assumem um papel de suma importância na formação de leitores.

Nesse contexto, torna-se relevante distinguir algumas das principais formas pelas

quais as crianças entram em contato com as narrativas no ambiente escolar. Conforme discute as autoras Ana Carolina Carvalho e Josca Ailine Baroukh, esse contato pode ocorrer por meio da leitura e da contação de histórias, práticas que, embora distintas, apresentam importantes aproximações:

Evidentemente há muitos pontos de contato e semelhanças entre essas duas formas de abordar as narrativas: ler e contar. A começar pela possibilidade de exercício da imaginação que as histórias promovem e de identificação do ouvinte com os enredos e personagens, sem deixar de lado o fato de serem situações que envolvem uma experiência afetiva rica entre adultos e crianças, que demanda emoção e sentimentos dos dois lados, tanto do adulto que lê ou conta, quanto da criança que ouve. Ainda, o contato com as histórias insere a criança no contexto maior dessa produção humana que existe desde que o homem inventou a linguagem e começou a contar histórias para falar de si mesmo e do mundo. Percebemos ainda uma relação intrincada entre histórias contadas e a busca por seus enredos nos livros, o que reforça a necessidade de ambas as formas estarem presentes no cotidiano escolar (Carvalho, Baroukh, 2018, p. 27).

A partir dessa reflexão, compreende-se que a leitura e a contação de histórias compartilham elementos fundamentais, como o estímulo à imaginação, o envolvimento afetivo e a inserção da criança na cultura narrativa. No entanto, diferenciam-se quanto às formas de mediação: enquanto a leitura está diretamente vinculada ao texto escrito e à sua organização linguística, a contação de histórias se realiza no campo da oralidade, permitindo maior liberdade expressiva e interação com o público.

Ainda que apresentem diferenças, ambas as práticas contribuem significativamente para a aproximação da criança com a linguagem escrita. Conforme discute Magda Soares, no livro *Alfabetizar: toda criança pode aprender a ler e a escrever*, a criança, mesmo antes de ingressar na escola, vivencia um processo de construção do conceito de escrita, ao compreender que “escrever é transformar a fala em marcas” e que “ler é converter essas marcas em fala” (Soares, 2020, p. 51).

Nessa perspectiva, tanto a leitura de histórias quanto a contação favorecem esse processo, uma vez que inserem a criança em situações significativas de contato com a linguagem. Ao ouvir histórias, acompanhar a leitura realizada por um adulto e interagir com narrativas, a criança desenvolve o imaginário, compreende melhor o ordenamento da passagem do tempo (passado, presente e futuro) e passa a construir hipóteses sobre o funcionamento da escrita, ampliando sua compreensão acerca de suas funções e usos sociais.

Essa compreensão também se evidencia na prática pedagógica. Durante as vivências de estágio na Educação Infantil, foram realizadas tanto atividades de leitura de histórias quanto de contação. Observou-se que ambas se mostraram potentes no envolvimento das

crianças, especialmente no momento de diálogo após as narrativas, quando elas eram incentivadas a expressar suas compreensões. Nessas situações, as crianças frequentemente relacionavam os enredos às suas próprias experiências, trazendo exemplos e situações de seu cotidiano, o que demonstra a capacidade dessas práticas de promover a construção de sentidos e a interação significativa com a linguagem.

Desse modo, ainda que distintas, tais práticas se complementam no contexto educativo, sendo ambas essenciais para a formação do leitor e para a ampliação das experiências das crianças com a linguagem e a literatura. Neste estudo, enfatiza-se a contação de histórias, considerando seu potencial lúdico, interativo e formativo no contexto da Educação Infantil.

2.1 O papel da Educação Infantil no desenvolvimento da linguagem

A Educação Infantil, primeira etapa da Educação Básica, desempenha um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças, contemplando dimensões cognitivas, sociais, afetivas e linguísticas. Conforme estabelecem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, essa etapa é compreendida como um espaço institucional que articula cuidado e educação, tendo como finalidade promover experiências que favoreçam o desenvolvimento das crianças em suas múltiplas dimensões.

Nesse contexto, a criança é concebida como sujeito histórico e de direitos, que, nas interações e práticas cotidianas, “brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade” (Brasil, 2010, p. 12). Essa definição evidencia que a linguagem está presente em todas as ações da criança, constituindo-se como elemento central no processo de construção de conhecimentos e na relação com o mundo.

A partir dessa perspectiva, compreende-se que o desenvolvimento da linguagem não ocorre de forma espontânea ou isolada, mas está diretamente relacionado às experiências sociais e às mediações estabelecidas no contexto educativo. Assim, a Educação Infantil assume um papel essencial ao organizar situações em que a linguagem seja vivenciada de forma significativa, possibilitando à criança participar de práticas sociais que envolvem a oralidade, a escuta, a leitura e a escrita.

As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil orientam que as práticas

pedagógicas devem ter como eixos estruturantes as interações e a brincadeira, sendo nesses contextos que a criança desenvolve suas capacidades. Nesse sentido, destaca-se a importância de garantir experiências que envolvam “interação com a linguagem oral e escrita, e convívio com diferentes suportes e gêneros textuais” (Brasil, 2010, p. 25), o que evidencia a necessidade de inserção das crianças na cultura escrita desde os primeiros anos de vida.

Nessa direção, a linguagem é compreendida como instrumento de mediação social, por meio do qual a criança se apropria dos conhecimentos historicamente produzidos. A interação com o outro, especialmente com o adulto, possibilita a ampliação das formas de expressão e compreensão da linguagem, favorecendo o desenvolvimento das funções psicológicas superiores. Assim, o ambiente da Educação Infantil deve ser intencionalmente organizado para promover situações de diálogo, escuta e participação ativa das crianças, reconhecendo-as como sujeitos que produzem sentidos e constroem conhecimentos.

Essa compreensão reforça que o trabalho com a linguagem escrita na Educação Infantil não deve estar centrado na antecipação da alfabetização formal, mas na criação de condições para que a criança atribua sentido à escrita. Conforme apontam as Diretrizes, a proposta pedagógica deve garantir “o acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens” (Brasil, 2010, p. 18), evidenciando que a escrita deve ser apresentada como prática social e cultural.

Nesse sentido, as vivências realizadas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil possibilitaram observar, na prática, como esse processo se materializa no cotidiano da sala de aula. Durante os momentos de leitura e contação de histórias, as crianças demonstraram grande envolvimento com as narrativas, participando ativamente por meio de comentários, perguntas e antecipações sobre o enredo. Mesmo sem o domínio da escrita convencional, evidenciava-se que já construíam compreensões sobre a linguagem, atribuindo sentidos às histórias e relacionando-as às suas experiências pessoais.

Além disso, em situações posteriores às narrativas, como rodas de conversa e atividades de expressão, foi possível perceber que as crianças buscavam registrar suas ideias por meio de desenhos e marcas gráficas, evidenciando tentativas de representação da linguagem. Essas produções revelavam não apenas a imaginação e a criatividade, mas também indícios de que as crianças estavam elaborando hipóteses sobre a escrita, compreendendo-a como forma de comunicação.

Essas experiências evidenciam que o contato com a linguagem escrita, na Educação Infantil, ocorre de forma contextualizada e significativa, sendo mediado pelas interações e pelas práticas pedagógicas desenvolvidas no cotidiano escolar. Dessa forma, a escrita deixa

de ser compreendida apenas como um código a ser aprendido e passa a ser vivenciada como prática social, inserida em situações reais de interação.

Outro aspecto relevante refere-se à organização do ambiente educativo, que deve favorecer o acesso das crianças a diferentes materiais e práticas culturais. O contato com livros, histórias e diversos gêneros textuais amplia as possibilidades de interação com a linguagem, permitindo que a criança compreenda suas funções comunicativas e sociais. Dessa forma, a inserção na cultura escrita ocorre de maneira gradual, por meio das experiências vividas no cotidiano da Educação Infantil.

2.2 A literatura infantil e o processo de letramento

Dando continuidade às discussões apresentadas, torna-se necessário aprofundar a compreensão sobre o papel da literatura infantil no processo de letramento. Conforme aponta Magda Soares, o letramento não se restringe ao domínio do sistema de escrita alfabética, mas envolve a inserção dos sujeitos em práticas sociais de leitura e escrita, por meio das quais constroem sentidos e compreendem os usos da linguagem em diferentes contextos.

Nessa perspectiva, mesmo antes de aprender a ler e escrever convencionalmente, a criança já pode estar inserida no universo letrado, a partir de suas experiências com a linguagem no contexto sociocultural em que está inserida. Como destaca a autora, a criança que ainda não se alfabetizou, mas que folheia livros, escuta histórias, observa materiais escritos e reconhece suas funções, já participa do mundo do letramento, sendo, de certa forma, letrada (Soares, 2009, p. 24).

Dessa forma, o contato com a literatura infantil, por meio da leitura e da contação de histórias, constitui uma importante via de acesso à cultura escrita. Ao participar dessas práticas, a criança não apenas escuta narrativas, mas também observa comportamentos leitores, compreende a função social dos textos e passa a atribuir sentido às diferentes manifestações da linguagem presentes em seu cotidiano. Além disso, a literatura infantil possibilita a vivência de situações significativas de uso da linguagem, nas quais a leitura assume um caráter comunicativo e social. À medida que ouvem histórias, comentam enredos, antecipam acontecimentos e relacionam narrativas, as crianças desenvolvem habilidades fundamentais para o letramento, como a imaginação, a interpretação, a oralidade e a construção de sentidos.

Nesse sentido, as práticas de leitura e de contação de histórias na Educação Infantil não devem ser compreendidas apenas como momentos de entretenimento, mas como situações privilegiadas de aprendizagem. Tais práticas contribuem para a formação de sujeitos capazes de interagir de maneira crítica e participativa com a cultura escrita, favorecendo o desenvolvimento de competências essenciais para a sua trajetória escolar que virá nos anos posteriores.

Nessa mesma perspectiva, estudos sobre a presença da literatura na infância evidenciam que a familiarização com as narrativas ocorre desde muito cedo, por meio das interações das crianças com histórias, livros e situações simbólicas. Conforme discutido na obra *Narrativas literárias na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental*, “as crianças aprendem a viver com as histórias quando alguém as conta para elas” (Colomer, 2024, p. 23), estabelecendo, assim, uma relação significativa com a linguagem literária desde os primeiros anos de vida.

Ainda segundo essa perspectiva, mesmo antes da alfabetização, as crianças demonstram comportamentos leitores ao folhear livros, fingir ler, narrar histórias e integrar elementos das narrativas às suas brincadeiras, percebendo o direcionamento da leitura (da esquerda para a direita, de cima para baixo). Além disso, muitas vezes, já identificam o título e os nomes dos autores e dos ilustradores. Como aponta o referido estudo, os pequenos “emitem uma melodia fingindo ler, mesmo que não possam falar” (Colomer, 2024, p. 24), o que evidencia que a interação com a linguagem escrita ocorre de forma anterior à aprendizagem formal.

Essas ações demonstram que a literatura se insere no cotidiano infantil como uma prática cultural e simbólica, contribuindo para a construção de sentidos e para a apropriação da linguagem. Dessa forma, a familiaridade com a literatura, construída por meio dessas experiências, reforça o papel das práticas de leitura e contação de histórias como fundamentais no processo de letramento, na medida em que possibilitam à criança compreender, ainda que de forma inicial, os usos, as funções e os significados da linguagem escrita.

Diante das discussões apresentadas, compreende-se que a leitura e contação de histórias, no contexto da Educação Infantil, articulam o caráter lúdico ao formativo, configurando-se como práticas fundamentais para o desenvolvimento da linguagem e para a inserção da criança na cultura escrita. Ao participar dessas experiências, a criança não apenas escuta narrativas, mas interage, imagina, recria e atribui sentidos às histórias, mobilizando processos que envolvem a oralidade, a construção de significados e a elaboração de hipóteses

sobre a escrita. Nesse percurso, a linguagem se constitui como elemento mediador das relações e das aprendizagens, possibilitando que a criança avance da escuta à criação, da imaginação à expressão e, gradualmente, à apropriação da linguagem escrita.

3. ANÁLISE DAS PERCEPÇÕES DAS PROFESSORAS SOBRE A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO COTIDIANO DO CMEI

A presente pesquisa foi delineada como estudo de natureza exploratória, com abordagem qualitativa e procedimento técnico de pesquisa de campo, conforme classificação proposta por Antonio Carlos Gil em seu livro *Como elaborar projetos de pesquisa*. A escolha por uma investigação exploratória justifica-se pela intenção de compreender de forma mais aprofundada as percepções de professoras da Educação Infantil acerca da prática da contação de histórias no cotidiano pedagógico e suas possíveis contribuições para o desenvolvimento da linguagem e para a aproximação das crianças com o universo da leitura.

De acordo com Gil, “estas pesquisas visam proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses” (Gil, 2002, p. 41). Nesse sentido, investigar a leitura e contação de histórias no contexto da Educação Infantil mostra-se relevante, uma vez que essas práticas estão presentes no cotidiano escolar e podem desempenhar um papel importante no desenvolvimento infantil. Em relação à abordagem do problema, optou-se por uma perspectiva qualitativa, centrada na interpretação dos significados atribuídos pelas participantes às suas práticas pedagógicas.

Esse tipo de abordagem possibilita compreender fenômenos educacionais a partir das experiências e percepções dos sujeitos envolvidos, valorizando a análise interpretativa das informações obtidas. Ainda segundo Gil (2002), esse tipo de abordagem é especialmente adequado quando se busca uma compreensão acerca dos aspectos subjetivos da realidade social, permitindo uma análise mais aprofundada dos contextos que são investigados.

Quanto aos procedimentos técnicos, trata-se de uma pesquisa de campo, visto que os dados foram obtidos diretamente com os sujeitos que fazem parte da realidade investigada que, neste caso, são as duas professoras que atuam na Educação Infantil em um Centro Municipal de Educação Infantil.

Atualmente, o CMEI conta com um total de 14 salas divididas entre: 7 salas de referência, 1 sala da direção/secretária, cozinha, sala para guardar produtos de limpeza, 1 sala de atendimento psicológico, refeitório, 1 almoxarifado e 1 sala para guardar pertences pessoais dos funcionários. Além desses espaços, a instituição conta com um banheiro para as crianças e um para os adultos. Cabe destacar que, embora a instituição não disponha de um espaço específico destinado à biblioteca, existem cantinhos de leitura organizados em cada sala de aula, como pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Cantinho de leitura na sala de referência.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora (2026).

Nesses espaços, os livros ficam armazenados em cestos e estantes na parede e são utilizados, principalmente, nos momentos em que as professoras realizam a leitura e a contação de histórias, fazendo uso também de espaços específicos como o recurso de teatro de fantoches, observado na Figura 3.

Figura 3 - Teatro de fantoches.



Fonte: Fotografia elaborada pela autora (2026).

No entanto, observa-se que, em algumas salas, as crianças não possuem livre acesso a esses materiais, ficando o uso dos livros condicionado à mediação das docentes. Tal organização pode limitar as oportunidades de exploração autônoma dos livros pelas crianças, aspecto relevante quando se considera a importância do contato direto e frequente com a literatura infantil no processo de formação de leitores.

3.1 Sujeitos da pesquisa: informações iniciais.

A pesquisa contou com a participação de duas professoras que atuam em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI). As instituições de Educação Infantil, enquanto primeira etapa da Educação Básica, têm como finalidade promover o desenvolvimento integral das crianças em seus aspectos físicos, cognitivos, emocionais e sociais, por meio de experiências educativas que envolvem interação, brincadeira e contato com diferentes linguagens.

A definição das participantes da pesquisa não se deu por meio de uma seleção previamente estabelecida, mas a partir da adesão voluntária das docentes no contexto de apresentação da proposta investigada. No dia em que me apresentei na instituição, ocorreu uma reunião com a equipe docente e a gestão escolar, momento em que foi exposto o objetivo da pesquisa e feito o convite para a participação. Dentre as professoras presentes, duas demonstraram interesse em contribuir com o estudo.

Ressalta-se que uma das participantes havia atuado como minha supervisora do estágio supervisionado em Educação Infantil, enquanto a outra professora havia sido supervisora do estágio de uma colega, além de já ter tido um contato prévio com ela no dia em que me apresentei no CMEI, na época do estágio. Dessa forma, a participação das docentes ocorreu de maneira espontânea, considerando o interesse e a disponibilidade em colaborar com a pesquisa, caracterizando-se, portanto, como uma amostra por adesão voluntária.

Nesse contexto, práticas pedagógicas que envolvem a literatura infantil, como a leitura e contação de histórias, assumem um papel relevante no cotidiano escolar, uma vez que possibilitam às crianças o contato com narrativas, personagens e diferentes formas de expressão da linguagem. Tais experiências contribuem para ampliar o repertório cultural das crianças, estimular a imaginação e favorecer o desenvolvimento da linguagem oral.

Nesse contexto, as duas professoras atuam com turmas de maternal, faixa etária que corresponde a um período importante do desenvolvimento infantil. A turma da Professora A conta com 22 crianças matriculadas, enquanto a turma da Professora B possui 24 crianças. Nessa fase, as crianças ampliam significativamente suas formas de comunicação, desenvolvem novas formas de interação com os colegas e adultos, além de demonstrarem crescente interesse por histórias e imagens. Quando observado na prática cotidiana da Educação Infantil, é possível perceber que esse interesse se manifesta de diferentes formas durante as brincadeiras e interações entre as crianças. Tais situações puderam ser observadas durante o Estágio Supervisionado na Educação Infantil, momento em que foi possível acompanhar o cotidiano da sala de referência e as interações estabelecidas entre as crianças.

Em momentos de faz de conta, por exemplo, é comum que elas reproduzam situações relacionadas ao momento da leitura e da contação de histórias, organizando-se em roda, cantando músicas que antecedem esse momento e simulando a leitura de livros para os colegas. Durante essas brincadeiras, muitas vezes utilizam expressões faciais, variações de entonação e interações com as demais crianças da roda, demonstrando como essas experiências com a literatura infantil passam a fazer parte de seu repertório de brincadeiras e de suas formas de expressão. Nesse sentido, estudos sobre literatura infantil apontam que, na infância, a imaginação e o faz de conta fazem parte do cotidiano das crianças, sendo as brincadeiras, as rodas cantadas e a literatura importantes caminhos para que elas se expressem, ampliem sua visão de mundo e construam sua identidade enquanto sujeitos (Antunes; Kunz; Martins, 2018, p. 149).

A professora A possui formação em Pedagogia e atua na área da Educação Infantil há aproximadamente um a cinco anos. Em suas respostas ao questionário aplicado nesta pesquisa, a docente indica que realiza atividades de leitura e contação de histórias semanalmente, evidenciando que essa prática faz parte de sua rotina pedagógica. Ao refletir sobre a importância da leitura e contação de histórias no contexto da Educação Infantil, a professora destaca que as narrativas contribuem para estimular a imaginação das crianças, ampliar o vocabulário e despertar o interesse pelo universo dos livros. Essa percepção evidencia o reconhecimento da literatura infantil como potente no trabalho com crianças pequenas, uma vez que o contato frequente com histórias possibilita experiências de escuta, interpretação e interação com a linguagem.

Já a professora B possui formação em Magistério e atua na Educação Infantil há menos de um ano, também com crianças da turma de maternal. Assim como a Professora A, a docente afirma realizar momentos de leitura e contação de histórias semanalmente,

compreendendo essa prática como uma oportunidade de interação entre as crianças e a literatura infantil. Em suas respostas, a professora ressalta que as histórias permitem que as crianças criem, explorem ideias e ampliem suas formas de expressão, além de favorecer o desenvolvimento da linguagem oral. Essa compreensão reforça a importância da literatura infantil no cotidiano da Educação Infantil, especialmente por possibilitar experiências que estimulam a imaginação e a participação ativa das crianças durante os momentos de leitura e contação de histórias.

A partir da análise do perfil das participantes, observa-se que, apesar das diferenças no tempo de experiência profissional e da formação, ambas demonstram reconhecer a relevância da leitura e contação de histórias no trabalho pedagógico com as crianças pequenas. Esse reconhecimento evidencia que a literatura infantil ocupa um lugar significativo nas práticas desenvolvidas pelas docentes, sendo compreendida como uma potência capaz de favorecer experiências de imaginação, linguagem e interação com o universo dos livros.

3.2 Procedimentos de coleta e análise de dados.

A coleta de dados foi realizada por meio da aplicação de um questionário *online*, composto por perguntas fechadas e abertas, com o objetivo de compreender as percepções das docentes acerca da prática da contação de histórias em seu cotidiano pedagógico, bem como suas contribuições para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e para o interesse das crianças pela leitura.

A escolha pelo questionário como instrumento de coleta de dados possibilitou reunir relatos e percepções das participantes sobre suas práticas pedagógicas, permitindo compreender de que forma a leitura e contação de histórias são desenvolvidas no contexto da Educação Infantil. Além disso, o uso de questões abertas permitiu que as professoras expressassem suas opiniões e experiências de maneira mais livre, contribuindo para uma análise mais rica e detalhada das informações obtidas.

Os dados coletados foram analisados de forma interpretativa, buscando estabelecer diálogo entre as percepções das professoras participantes e os referenciais teóricos discutidos ao longo deste trabalho, especialmente aqueles relacionados à literatura infantil, ao desenvolvimento da linguagem e às experiências de letramento na Educação Infantil. Dessa forma, a análise dos dados não se limita à descrição das respostas fornecidas pelas docentes,

mas procura compreender os significados atribuídos por elas à prática da leitura e contação de histórias, articulando suas experiências pedagógicas com as discussões teóricas apresentadas na fundamentação deste trabalho.

Para preservar a identidade das participantes e garantir o anonimato das informações compartilhadas, as professoras foram identificadas neste trabalho como Professora A e Professora B. Destaca-se que ambas concordaram em participar da pesquisa de forma voluntária e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), conforme os princípios éticos da pesquisa com seres humanos. No tópico a seguir, será apresentado o perfil das participantes da pesquisa, seguido da análise das respostas obtidas por meio do questionário, buscando compreender como a prática da leitura e contação de histórias são percebidas pelas docentes e quais contribuições elas identificam para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil.

3.3 A prática da leitura e contação de histórias na Educação Infantil: percepções das professoras

A partir das respostas obtidas por meio do questionário aplicado às professoras participantes da pesquisa, buscou-se compreender como a prática da leitura e contação de histórias se insere no cotidiano pedagógico da Educação Infantil e quais contribuições as docentes identificam para o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do interesse das crianças pela leitura e escrita. As respostas foram analisadas tendo como base os referenciais teóricos discutidos anteriormente, estabelecendo diálogo entre as percepções das professoras e os estudos que refletem sobre a literatura infantil e suas contribuições para o posterior processo de alfabetização.

- Frequência com que utiliza a contação de histórias nas práticas pedagógicas:

PROFESSORA A	PROFESSORA B
“Semanalmente”.	“Semanalmente”.

Inicialmente, ao serem questionadas sobre a frequência com que utilizam a contação de histórias em suas práticas pedagógicas, ambas as professoras afirmaram realizar essa atividade semanalmente. Esse dado evidencia que a leitura e a contação de histórias fazem parte da rotina pedagógica das docentes, configurando-se como uma prática presente no cotidiano da sala de referência. Essa inserção de forma regular da literatura infantil na rotina

escolar é fundamental para que as crianças tenham contato frequente com narrativas, personagens e diferentes formas de linguagem, contribuindo para o desenvolvimento da imaginação e da oralidade.

Quando questionadas sobre a relação entre leitura e contação de histórias, imaginação e criatividade, as duas professoras concordaram totalmente que essa prática estimula tais aspectos no desenvolvimento infantil. Esse entendimento reforça a importância da literatura infantil como uma potência capaz de ampliar as experiências das crianças, possibilitando que elas explorem novas ideias, sentimentos e formas de expressão. Nesse sentido, a leitura e contação de histórias não se limitam apenas ao momento da leitura, mas constitui uma experiência que envolve escuta, interpretação, imaginação e interação com o grupo.

- Sobre as contribuições do contato com a leitura literária para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil, elas responderam:

PROFESSORA A	PROFESSORA B
“O contato com a literatura na Educação Infantil é essencial para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita pois amplia o vocabulário, estimulando a oralidade e a imaginação”.	“Sim. A leitura sem dúvidas contribui para o desenvolvimento da criança pois trabalha a imaginação da criança”.

Ao refletirem sobre a contribuição da leitura literária para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil, as respostas das professoras também destacaram aspectos relevantes. A **Professora A** ressaltou que o contato com a literatura amplia o vocabulário das crianças e estimula tanto a oralidade quanto a imaginação. Já a **Professora B** enfatizou que a leitura contribui para o desenvolvimento da criança justamente por estimular a imaginação. Essas percepções evidenciam que as docentes reconhecem a importância da literatura infantil no desenvolvimento da linguagem, especialmente no que se refere à ampliação do vocabulário e à construção de novas formas de expressão.

- Sobre a importância da imaginação para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil, elas responderam:

PROFESSORA A	PROFESSORA B
“Permite que a criança crie, explore e expresse ideias que vão além do que vivem	“É importante pois ao ouvir e ler histórias, as crianças aprendem palavras diferentes”.

diariamente”.	
---------------	--

Tais compreensões também se relacionam com a percepção das professoras sobre a importância da imaginação no desenvolvimento da linguagem. A **professora A** afirma que a imaginação permite que a criança crie, explore e expresse ideias que vão além de suas experiências cotidianas, enquanto a **Professora B** destaca que, ao ouvir e ler histórias, as crianças entram em contato com novas palavras, ampliando seu repertório linguístico. Assim, observa-se que ambas reconhecem que o contato com histórias possibilita experiências que contribuem para o desenvolvimento da linguagem e da criatividade infantil.

- Sobre a contribuição da contação de histórias no processo de alfabetização das crianças, elas responderam:

PROFESSORA A - PROFESSORA B

“Sim, de forma significativa”.

Dando continuidade à análise, quando questionadas sobre a contribuição da leitura e contação de histórias para o posterior processo de alfabetização, ambas as professoras afirmaram que essa prática contribui de forma significativa para o desenvolvimento das crianças. Essa percepção evidencia que as docentes reconhecem a importância da literatura infantil não apenas como entretenimento, mas como experiência pedagógica que contribui para o desenvolvimento da linguagem e para a aproximação das crianças com o universo da leitura e da escrita.

Mesmo entendendo que na Educação Infantil a alfabetização não ocorra de maneira formal, as experiências com a linguagem escrita e com a literatura desempenham um papel fundamental na construção de bases importantes para esse processo, que só vai se concretizar de fato no ensino fundamental. Por entender que já nasce em um mundo totalmente letrado e que no decorrer de seu desenvolvimento, a criança vai estar rodeada de vivências com o letramento emergente, torna-se relevante refletir sobre essas experiências na Educação Infantil que potencializam aspectos importantes quando pensamos no processo de alfabetização no ensino fundamental. Ao ouvir histórias, observar imagens, acompanhar narrativas e interagir com os livros, as crianças passam a estabelecer relações com a linguagem escrita, ampliando suas formas de expressão e compreensão do mundo.

Nesse contexto, o contato com a literatura infantil desde os primeiros anos de vida favorece o desenvolvimento do letramento emergente, processo pelo qual as crianças começam a construir diferentes conhecimentos sobre a leitura e a escrita antes mesmo da alfabetização formal. Conforme destacam os autores:

Durante o período entre o nascimento e a alfabetização escolar, as crianças vão construindo diferentes conhecimentos sobre a leitura e a escrita (letramento emergente), sendo importante e necessário, para o seu desenvolvimento de forma integral, estimular e proporcionar vivências mais próximas de contato com a escrita, com os livros, de ouvir e contar muitas histórias, pois a criança já vai distinguindo letras e palavras de números e de desenhos, a direção em que nossa escrita é realizada[...] (Antunes; Kunz; Martins, 2018, p. 149)

A partir dessa perspectiva, compreende-se que as experiências com histórias, poemas e cantigas contribuem para que as crianças ampliem suas formas de interação com a linguagem escrita, favorecendo o desenvolvimento de habilidades importantes para o posterior processo de alfabetização.

3.4 Desafios e estratégias na prática da leitura e contação de histórias na Educação Infantil

- Sobre as dificuldades ao utilizar a contação e a leitura de histórias, elas responderam:

PROFESSORA A	PROFESSORA B
“Podem apresentar dificuldades como a falta de atenção ao compreender e acompanhar a leitura”.	“Nenhuma”.

Ao serem questionadas sobre as dificuldades encontradas ao utilizar a contação e a leitura de histórias com as crianças na sala de referência, as respostas das professoras revelaram percepções distintas acerca dessa prática pedagógica. Enquanto a **Professora A** aponta como principal desafio a dificuldade das crianças em manter a atenção e acompanhar a leitura, a **Professora B** afirma não identificar obstáculos significativos na realização dessa atividade. Essa diferença de percepções pode estar relacionada tanto às características da turma quanto às estratégias utilizadas no momento da contação.

A observação apresentada pela **Professora A** evidencia um aspecto bastante presente

no cotidiano da Educação Infantil: a necessidade de desenvolver práticas que favoreçam o envolvimento das crianças durante a narrativa. Considerando que as crianças pequenas ainda estão em processo de desenvolvimento da atenção e da concentração, é natural que, em determinados momentos, apresentem dificuldades em acompanhar uma história por um período prolongado. Nesse sentido, o papel do professor torna-se fundamental para criar condições que tornem esse momento mais dinâmico, interativo e significativo para o grupo.

Pesquisas na área da literatura infantil apontam que a leitura e contação de histórias exige planejamento e sensibilidade por parte do educador, uma vez que esse momento vai além da simples leitura de um texto. Envolve expressividade, interação e a construção de um ambiente favorável à escuta e à imaginação. De acordo com o *Guia de Contação de Histórias* (2013), o envolvimento das crianças com a narrativa está diretamente relacionado à forma como o mediador conduz a história, utilizando recursos como entonação de voz, expressões corporais e interação com os ouvintes, aspectos que contribuem para manter o interesse e a participação das crianças ao longo da atividade.

- Sobre as estratégias para superar os desafios dessa prática, elas responderam:

PROFESSORA A	PROFESSORA B
“Usar livros atrativos, contar histórias com entonação e gestos, criar um ambiente tranquilo e aconchegante para envolver as crianças”.	“Conhecer bem as histórias e a prática”.

Essa perspectiva aparece também nas estratégias apontadas pelas próprias docentes para superar possíveis desafios. Ao serem questionadas sobre práticas eficazes nesse processo, a **Professora A** destaca a importância de utilizar livros atrativos, contar histórias com entonação e gestos, além de organizar um ambiente tranquilo e acolhedor para envolver as crianças. Já a **Professora B** ressalta a importância de conhecer bem a história antes de narrá-la, evidenciando que o domínio do conteúdo também contribui para uma contação mais segura e envolvente.

Essas estratégias demonstram que a mediação do professor é um elemento central no sucesso das práticas de leitura e contação de histórias na Educação Infantil. Quando o educador se apropria da narrativa e cria um ambiente propício para a escuta, aumenta significativamente as possibilidades de participação das crianças, favorecendo não apenas o interesse pela história, mas também o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e da

interação entre os participantes. Dessa forma, mesmo diante de possíveis desafios, a contação de histórias permanece como uma prática pedagógica rica e potente no contexto da Educação Infantil, desde que conduzida de maneira intencional e sensível às necessidades das crianças.

3.5 O encantamento das histórias e o interesse das crianças pela leitura

- Sobre a relação entre o encantamento das histórias e o interesse das crianças pela leitura e escrita, elas responderam em uma escala de 1 a 4:

PROFESSORA A “concordo totalmente”.	PROFESSORA B “Concordo parcialmente”.
--	--

Outro aspecto investigado na pesquisa refere-se à relação entre o encantamento provocado pelas histórias e o interesse das crianças pela leitura e pela escrita. Ao serem questionadas sobre esse ponto, as respostas das professoras indicam que ambas reconhecem essa relação, ainda que em diferentes níveis de concordância. A **Professora A** afirmou concordar totalmente com a ideia de que o encantamento das histórias desperta o interesse das crianças pela leitura e pela escrita, enquanto a **Professora B** indicou concordar parcialmente com essa afirmação.

Essas respostas evidenciam que as docentes percebem o potencial da leitura e contação de histórias como uma prática capaz de aproximar as crianças do universo da leitura. Quando a narrativa é apresentada de maneira significativa, as crianças tendem a se envolver com os personagens, com os acontecimentos da história e com os elementos presentes no texto, despertando curiosidade e interesse pelas narrativas. Nesse sentido, estudos que abordam a questão das práticas de leitura na primeira infância destacam que o contato precoce com histórias contribui para o desenvolvimento do gosto pela leitura. Conforme apontam as pesquisas realizadas em contextos de Educação Infantil, crianças que têm acesso frequente a livros e a momentos de contação de histórias passam a demonstrar interesse pelo objeto livro e pelas práticas de leitura.

De acordo as autoras, “pesquisas desenvolvidas na área da formação do leitor, apontam que crianças que entram em contato desde muito cedo com histórias, desenvolvem o

gosto e o prazer pela leitura [...]” (Campos; Carneiro; Souza, 2020, p. 2). Esse contato inicial com as histórias também permite que as crianças desenvolvam comportamentos que se aproximam das práticas leitoras, mesmo antes de dominarem a leitura convencional. Ao observar e participar das mediações com a literatura realizadas pelos adultos, as crianças passam a manipular os livros, observar as ilustrações e até mesmo tentar recontar as histórias a partir das imagens e das experiências vividas durante a narrativa.

O *Guia de Contação de Histórias* (2013) destaca que “ao conhecer a história, a força da narrativa toma espaço na voz de quem conta/lê, pois conhecerá o sentimento presente ali e como pode representá-lo numa voz que condiz com a situação contada [...]” (Brasil, 2013, p. 15). Dessa forma, os dados obtidos na pesquisa dialogam com os estudos da área ao evidenciar que a leitura e contação de histórias, quando realizadas de forma intencional e mediada pelo professor, podem despertar o encantamento pelo universo literário e contribuir para o desenvolvimento do interesse pela leitura desde os primeiros anos da Educação Infantil.

Nesse sentido, ao observar os adultos realizando a leitura ou a contação de histórias, as crianças passam a imitar essas ações em suas brincadeiras, folheando livros, observando as imagens e tentando recontar narrativas a partir de suas próprias interpretações. Esses comportamentos são compreendidos por Campos, Carneiro e Souza (2020) como *gestos embrionários de leitura*, isto é, manifestações iniciais do processo de construção do leitor, nas quais a criança demonstra interesse e curiosidade pelo universo da linguagem escrita.

Tal perspectiva dialoga com as observações realizadas durante o estágio supervisionado na Educação Infantil, no qual foi possível perceber que, em momentos de brincadeira, as crianças frequentemente simulavam situações de contação de histórias, organizando rodas de conversa, cantando músicas que antecedem esse momento e reproduzindo expressões e entonações semelhantes às utilizadas pelas professoras durante a leitura. Essas experiências indicam que o contato com narrativas literárias não apenas desperta o encantamento, mas também contribui para aproximar as crianças das práticas sociais de leitura, fortalecendo, desde cedo, sua relação com o universo da linguagem escrita.

Cabe destacar, contudo, que na Educação Infantil não se defende a obrigatoriedade de um processo formal de alfabetização, uma vez que essa etapa da educação tem como eixos estruturantes o brincar e o cuidar. Entretanto, por meio de práticas lúdicas e de experiências significativas, como a leitura e contação de histórias, as crianças vão desenvolvendo gradativamente habilidades importantes que contribuirão para o posterior processo de alfabetização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo possibilitou não apenas a análise das contribuições da contação de histórias na Educação Infantil, mas também um mergulho sensível nas experiências que constituem o encontro entre a criança e a literatura. Ao longo da pesquisa, tornou-se evidente que o contato com narrativas literárias, especialmente por meio da oralidade, ultrapassa o caráter pedagógico instrumental, configurando-se como uma experiência formativa essencial para o desenvolvimento da imaginação, da linguagem e da construção de sentidos.

Os estudos teóricos e os dados produzidos na pesquisa de campo evidenciaram que a contação de histórias ocupa um lugar de destaque no cotidiano da Educação Infantil, não apenas como recurso didático, mas como prática que humaniza, aproxima e encanta. Ao ouvir histórias, seja pela leitura realizada por um adulto seja pela contação de histórias, a criança não apenas amplia seu repertório linguístico, mas também vivencia emoções, constrói hipóteses sobre o mundo, elabora significados e se insere, de maneira significativa, na cultura letrada. Trata-se de um processo que envolve muito mais do que a escuta: envolve participação, imaginação e criação.

Nessa perspectiva, compreende-se que o desenvolvimento da linguagem escrita não se inicia na formalização do código, mas nas vivências de letramento que antecedem a alfabetização. Conforme discutido por Magda Soares (2009), alfabetização e letramento constituem processos distintos, porém indissociáveis, que devem ocorrer de forma articulada ao longo da trajetória escolar. Assim, é possível afirmar que a inserção da criança em práticas significativas de linguagem, como a contação e a leitura de histórias, constitui um passo fundamental na construção das bases que sustentarão o processo de alfabetização formal.

As falas das professoras participantes da pesquisa reforçam essa compreensão ao evidenciarem que a contação de histórias desperta o interesse, a curiosidade e o envolvimento das crianças com o universo da leitura e da escrita. Ao recontarem histórias, criarem novos finais e se envolverem com as narrativas, as crianças demonstram que já estabelecem relações com a linguagem, mesmo antes de dominarem o sistema convencional de escrita. Isso evidencia que a aprendizagem não se inicia apenas na escola formal do Ensino Fundamental, mas é construída gradualmente a partir das experiências vivenciadas na Educação Infantil.

Diante disso, torna-se fundamental explicitar que a intenção deste estudo não foi, em nenhum momento, defender a antecipação da alfabetização formal na Educação Infantil, tampouco compreendê-la como uma etapa obrigatória nesse nível de ensino. Ao contrário, esta pesquisa reafirma a importância de respeitar as especificidades da infância, compreendendo que o desenvolvimento da criança ocorre por meio de vivências lúdicas, interativas e significativas, nas quais o brincar, a imaginação e a oralidade ocupam lugar central.

Nesse sentido, compreende-se que a Educação Infantil deve ser entendida como um espaço único de propor vivências, no qual são incentivadas a construção de bases necessárias para o posterior processo de alfabetização, que ocorrerá de forma sistematizada no Ensino Fundamental. Essa construção não se dá por meio de práticas mecânicas ou antecipação de conteúdos formais, mas pela inserção da criança em experiências de linguagem que façam sentido para ela. A leitura e a contação de histórias, nesse contexto, apresentam-se como práticas potentes, capazes de promover o contato com a literatura infantil, estimular a imaginação, desenvolver a oralidade e despertar o interesse pela leitura e pela escrita.

Ao priorizar práticas lúdicas e significativas, a escola contribui para que a criança construa uma relação positiva com a linguagem, compreendendo-a não apenas como um código a ser decodificado, mas como uma forma de expressão, comunicação e compreensão do mundo. Essa relação é fundamental para que, no momento da alfabetização formal, a criança esteja não apenas preparada do ponto de vista cognitivo, mas também motivada e envolvida com o processo de aprendizagem.

Dessa forma, este estudo reafirma que a contação de histórias não deve ser vista como uma atividade complementar ou secundária, mas como um eixo estruturante das práticas pedagógicas na Educação Infantil. Sua potência reside na capacidade de articular linguagem, emoção e cultura, contribuindo para a formação de sujeitos leitores, críticos e criativos. Garantir o acesso das crianças à literatura infantil é, portanto, assegurar um direito fundamental, que impacta diretamente sua formação integral.

Cabe destacar, ainda, que o papel do professor como mediador desse processo é fundamental. É por meio de sua intencionalidade pedagógica, de sua escuta sensível e de sua relação com a literatura que a leitura e a contação de histórias se concretiza como práticas significativas. Professores que valorizam a literatura e criam espaços de escuta e imaginação contribuem para o desenvolvimento de crianças mais envolvidas com o universo da leitura e da escrita.

Retomando o percurso pessoal apresentado na introdução deste trabalho, é possível

afirmar que as vivências com a literatura infantil, marcadas pela escuta, pela imaginação e pela criação, não apenas contribuíram para a formação desta pesquisadora enquanto leitora, mas também fundamentaram o olhar sensível lançado sobre a temática investigada. Assim como na infância, em que o contato com a literatura, desde os primeiros anos, tem o poder de transformar trajetórias e construir vínculos duradouros com a leitura.

Por fim, conclui-se que a leitura e a contação de histórias na Educação Infantil constituem um caminho potente e necessário para a construção das bases que sustentarão o processo de alfabetização no Ensino Fundamental. Mais do que ensinar a ler e escrever, trata-se de formar sujeitos que atribuem sentido ao mundo pela linguagem, que se reconhecem nas histórias e que encontram na literatura um espaço de pertencimento, expressão e encantamento.

Que a escola, portanto, siga sendo esse espaço de encontro com as palavras, com a imaginação e com o outro. Que as histórias continuem sendo contadas, ouvidas e reinventadas no cotidiano das instituições educativas. E que, em cada criança, permaneça vivo o desejo de escutar, imaginar e, um dia, também contar suas próprias histórias.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Jéssica Maís; KUNZ, Marinês Andrea; MARTINS, Rosemari Lorenz. Eu conto, tu contas, eles contam! Roteiro de leitura e promoção do protagonismo infantil. **Revista Espaço Pedagógico**, v. 25, n. 1, p. 149-162, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL, Ministério da Educação. **Guia de contação de histórias**. Brasília: MEC, 2021.

Disponível em:

https://alfabetizacao.mec.gov.br/images/pdf/guia_de_contacao_de_historias.pdf. Acesso em: 12 fev. 2026.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República, 1996. Atualizada pela Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, Disponível em:

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 fev. 2026.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2010.

CAMPOS, Cleide de Araújo; CARNEIRO, Ana Paula; SOUZA, Renata Junqueira de. Ler e contar histórias na primeira infância: estratégias de leitura em foco. **Leitura & Literatura em Revista**, v. 1, 2020.

CARVALHO, Ana Carolina; BAROUKH, Josca Ailine. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária**. Panda Educação, 2018.

COLOMER, Teresa. **Narrativas literárias na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental**. Tradução de Judith Nuria Maida. São Paulo: Global Editora, 2024.

COLOMER, Teresa. **Andar entre livros: A leitura literária na escola**. Tradução Laura Sandroni. São Paulo, SP: Global, 2007

FARIAS, Eliane Maira da Silva; BORTOLONZA, Juarez. **As contribuições de Luria e Leontiev para a compreensão do desenvolvimento humano a partir da perspectiva histórico-cultural**. Revista Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 10, n. 1, p. 1-14, 2022.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre alfabetização**. 26. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

KUNZ, Marinês Andrea; NIEDZIATOVSKI, Cintia Weiand. Formando leitores na Educação Infantil. In: FARIAS, Alyere Silva (org.). **Leituras literárias: reflexões sobre o leitor na cultura, sociedade, tecnologia e formação docente**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2024, p. 11-35.

LEAL, Telma Ferraz; SILVA, Alessandro da. Brincando, as crianças aprendem a falar e a pensar sobre a língua. *In*: BRANDÃO, Ana Carolina Perrusi; ROSA, Ester Calland de Sousa (org.). **Ler e escrever na educação infantil**: discutindo práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. Cap. 3, p. 53-73.

SOARES, Magda. **Alfabetrar**: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. **Letramento**: um tema em três gêneros. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Imaginação e criação na infância: ensaio psicológico: livro para professores/ Lev Semionovich Vigotski; apresentação e comentários Ana Luiza Smolka; tradução Zoia Prestes - São Paulo: Ática, 2009. **Revista Exitus**, 2009.

APÊNDICES

QUESTIONÁRIO DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: CONTRIBUIÇÕES DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS NO DESENVOLVIMENTO DA ALFABETIZAÇÃO NA EDUCAÇÃO INFANTIL.”



Seção 1 de 5

***Da imaginação à palavra escrita:
contribuições da contação de histórias no
desenvolvimento da alfabetização na
Educação Infantil.***

B I U  

Prezada professora,

Este formulário faz parte de uma pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que tem como tema “Da imaginação à palavra escrita: contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil.”

O objetivo é compreender as percepções das professoras sobre as contribuições e desafios dessa prática pedagógica.

Sua participação é voluntária e as respostas serão utilizadas apenas para fins acadêmicos, com total sigilo e anonimato.

Agradeço imensamente sua colaboração! 

Pergunta *

☐ Concordo em participar da pesquisa.

Seção 2 de 5

INFORMAÇÕES PROFISSIONAIS.



Descrição (opcional)

Formação acadêmica *

- ☐ Magistério
- ☐ Pedagogia
- ☐ Pós graduação em Educação
- ☐ Outro: _____

Tempo de atuação na Educação Infantil *

- ☐ Menos de 1 ano
- ☐ De 1 a 5 anos
- ☐ De 6 a 10 anos
- ☐ Mais de 10 anos

Faixa etária no qual trabalha atualmente *

- ☐ Berçário
- ☐ Maternal
- ☐ Pré I
- ☐ Pré II

Seção 3 de 5

A imaginação e a contação de histórias.



Descrição (opcional)

Com que frequência você utiliza a contação de histórias em suas práticas pedagógicas? *

- ☐ Diariamente
- ☐ Semanalmente
- ☐ Quinzenalmente
- ☐ Raramente
- ☐ Nunca

A contação de histórias estimula a imaginação e a criatividade das crianças (Escala de 1 a 4) *

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

Na sua opinião, a experiência do contato com a leitura literária contribui para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil? Em caso, positivo, de que forma você nota isso? *

Texto de resposta longa

Como você percebe a importância da imaginação para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita na Educação Infantil?

Texto de resposta longa

Quais dificuldades você encontra ao utilizar a contação e a leitura de histórias? *

Texto de resposta longa

Seção 4 de 5

Da imaginação à palavra escrita.



Descrição (opcional)

Você considera que a contação de histórias contribui para o processo de alfabetização das crianças? *

- ☐ Sim, de forma significativa
- ☐ Parcialmente
- ☐ Não percebo relação direta.

Quais habilidades de leitura e escrita são mais estimuladas pela contação de histórias? *

- ☐ Ampliação de vocabulário
- ☐ Reconhecimento de letras e sons
- ☐ Compreensão de enredos e personagens
- ☐ Produção de falas e recontos
- ☐ Outro: _____

Em sua experiência, há relação entre o encantamento das histórias e o interesse das crianças pela leitura e escrita? (Escala de 1 a 4) *

- ☐ Discordo totalmente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Concordo totalmente

Seção 5 de 5

Desafios e possibilidades



Descrição (opcional)

Na sua escola há apoio (recursos, tempo, formação) para o trabalho com contação e leitura de histórias? *

- ☐ Sim, tenho toda ajuda que preciso.
- ☐ Parcialmente. As vezes falta tempo e os recursos.
- ☐ Não.

Quais dificuldades você encontra ao utilizar a contação e a leitura de histórias?

Texto de resposta longa

Enquanto professora, quais estratégias seriam eficazes para superar os desafios dessa prática?

Texto de resposta longa

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa: DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil

Pesquisador Responsável: Midyan Félix dos Santos

Orientadora: Marinês Andréa Kunz

Instituição de ensino: UFPB

Telefones para contato: Pesquisadora: (83) 998335373 / Orientadora: (51) 981499192

Nome Edmairan Fernandes de Paiva Sousa do(a) voluntário(a):
Idade: 52 anos R.G. 4.455.991

O Sr./A Sra está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil”.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da contação de histórias no processo de alfabetização na Educação Infantil, evidenciando como essa prática pode favorecer o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do interesse pela leitura e escrita.

O método da coleta de dados se dará por meio do preenchimento de um formulário online com perguntas sobre suas percepções, experiências e desafios no uso da contação de histórias como ferramenta pedagógica. O tempo estimado para o preenchimento é de aproximadamente 10 a 15 minutos.

Não há riscos ou desconfortos para os participantes, uma vez que, na análise das respostas do formulário, não serão usados nomes verdadeiros, evitando, assim, a identificação do participante. Assim, mediante a confidencialidade, está garantida a privacidade de todos os participantes. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, no contexto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os benefícios para os participantes são justamente as reflexões sobre as práticas pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento da alfabetização na educação infantil, entendendo que, apesar de não ser trabalhado de forma sistematizada, desde muito cedo, as crianças têm contato com o mundo das letras.

A participação na pesquisa é *voluntária* e o consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade das aulas de reforço.

Em caso de dúvidas ou necessidade de mais informações, você pode entrar em contato com;

E-mail da pesquisadora: miidyan.estudos.ufpb@gmail.com.

E-mail da orientadora: marinesak5@gmail.com.

Cabedelo, 7 de novembro de 2025.

Edmairan F. P. Sousa
Assinatura do voluntário



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Dados de identificação

Título da Pesquisa: DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil

Pesquisador Responsável: Midyan Félix dos Santos

Orientadora: Marinês Andréa Kunz

Instituição de ensino: UFPB

Telefones para contato: Pesquisadora: (83) 998335373 / Orientadora: (51) 981499192

Nome Kely Luíste de Granele do(a) voluntário(a):
Idade: 34 anos R.G. 1500711

O Sr./A Sra está sendo convidado(a) a participar da pesquisa intitulada “**DA IMAGINAÇÃO À PALAVRA ESCRITA: Contribuições da contação de histórias no desenvolvimento da alfabetização na Educação Infantil**”.

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as contribuições da contação de histórias no processo de alfabetização na Educação Infantil, evidenciando como essa prática pode favorecer o desenvolvimento da linguagem, da imaginação e do interesse pela leitura e escrita.

O método da coleta de dados se dará por meio do preenchimento de um formulário online com perguntas sobre suas percepções, experiências e desafios no uso da contação de histórias como ferramenta pedagógica. O tempo estimado para o preenchimento é de aproximadamente 10 a 15 minutos.

Não há riscos ou desconfortos para os participantes, uma vez que, na análise das respostas do formulário, não serão usados nomes verdadeiros, evitando, assim, a identificação do participante. Assim, mediante a confidencialidade, está garantida a privacidade de todos os participantes. As informações coletadas serão utilizadas exclusivamente para fins acadêmicos, no contexto do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC).

Os benefícios para os participantes são justamente as reflexões sobre as práticas pedagógicas que contribuem para o desenvolvimento da alfabetização na educação infantil, entendendo que, apesar de não ser trabalhado de forma sistematizada, desde muito cedo, as crianças têm contato com o mundo das letras.

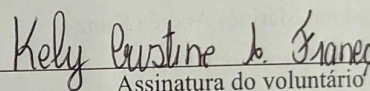
A participação na pesquisa é *voluntária* e o consentimento poderá ser retirado a qualquer tempo, sem prejuízos à continuidade das aulas de reforço.

Em caso de dúvidas ou necessidade de mais informações, você pode entrar em contato com;

E-mail da pesquisadora: miidyan.estudos.ufpb@gmail.com.

E-mail da orientadora: marinesak5@gmail.com.

Cabedelo, 7 de novembro de 2025.


Assinatura do voluntário